

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

JANAINA PINTO

**PESQUISAS EDUCACIONAIS SOBRE A SAÚDE DO PROFESSOR
NO CONTEXTO DO TRABALHO DOCENTE**

**CURITIBA
2024**

JANAINA PINTO

**PESQUISAS EDUCACIONAIS SOBRE A SAÚDE DO PROFESSOR
NO CONTEXTO DO TRABALHO DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, Práticas Pedagógicas – Elementos Articuladores, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Antônia de Souza.

**CURITIBA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sidnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

P659 Pinto, Janaina.

Pesquisas educacionais sobre a saúde do professor no
contexto do trabalho docente/ Janaina Pinto; orientadora Prof.^a
Dra. Maria Antônia de Souza.
82f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná,
Curitiba, 2024

1. Precarização. 2. Saúde do professor. 3. Trabalho
docente. I. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-
Graduação em Educação/ Mestrado em Educação. II. Título.

CDD – 155.9042

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

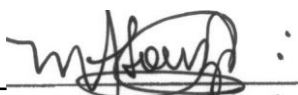
TERMO DE APROVAÇÃO

JANAINA PINTO

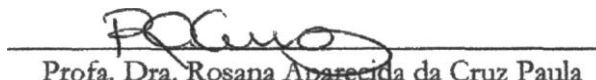
PESQUISAS EDUCACIONAIS SOBRE A SAÚDE DO PROFESSOR NO CONTEXTO DO TRABALHO DOCENTE

Esta dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Educação, Linha de Práticas Pedagógicas - Elementos Articuladores, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

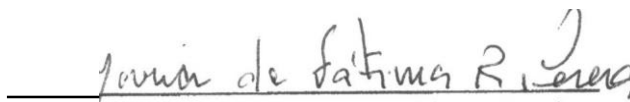
Curitiba, 28 de agosto de 2024.



Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonia de Souza
Coordenadora do PPGEd Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná



Profa. Dra. Rosana Aparecida da Cruz Paula
Instituição: SEED/PR Tijucas do Sul
Membro externo



Profa. Dra. Maria de Fatima Rodrigues Pereira
Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná
Membro Interno



Profa. Dra. Maria Arlete d. Rosa
Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná
Membro interno

À minha querida mãe Creuza Libere Pinto, meu maior exemplo de mulher.

Mãe, você tem a capacidade de ouvir o silêncio. Adivinhar sentimentos. Encontrar a palavra certa nos momentos incertos. Me fortalecer quando tudo ao redor parece ruir. Sabedoria emprestada dos deuses para proteger e amparar.

À minha filha querida Ana Beatriz Pinto Ferreira.

Filha, você é a história mais bela que o destino escreveu em minha vida, obrigada por tanto!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Maria Antônia de Souza pela paciência, pelos ensinamentos e, sobretudo, por não desistir de mim. Às professoras Maria Arlete Rosa e Maria de Fátima Rodrigues Pereira, e aos demais professores do Programa, por todo o conhecimento compartilhado.

Aos meus colegas Oscar, Fred, Tarcísio, Silmara, Suellen, Kenji, Josililian, Karoline e Andreia, pelo apoio incondicional e por não permitirem que eu desistisse. E à secretária do Programa, Daniele Braga Machado, por todo o apoio e suporte logístico no decorrer desta jornada.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado em Educação está vinculada à linha de pesquisa Práticas Pedagógicas – elementos articuladores da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba/PR. Ela problematiza os conceitos de trabalho, trabalho docente e saúde do professor, tendo como objetivo geral analisar a produção do conhecimento sobre a saúde do professor, atentando para os anúncios e denúncias registradas nas pesquisas. Metodologicamente, possui natureza bibliográfica, abrangendo uma busca por meio das bases de dados eletrônicas TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science, com as palavras-chave: “trabalho docente”, “precarização do trabalho” e “saúde do professor”. No período de 2006 a 2023, em torno de 46,43% dos estudos abordaram a Síndrome de Burnout, 25% analisaram doenças psíquicas (depressão e ansiedade) e 28,57% relataram doenças físicas, como problemas na voz, dores articulares, enxaquecas, entre outros. As denúncias apontam para a carga horária excessiva, salários inadequados, condições precárias de trabalho e a falta de políticas institucionais como principais causas do adoecimento dos professores. Outros fatores críticos incluem a burocratização do trabalho, conflitos de papéis, exigências acadêmicas, invasão do espaço privado e a privação do convívio familiar e das horas de lazer. Além disso, a violência nas escolas, a indisciplina dos alunos, a precariedade das condições de trabalho e a falta de apoio social agravam ainda mais a situação. Os estudos examinados abordaram amplamente a precarização do trabalho docente, destacando questões como carga horária excessiva, salários inadequados, e condições físicas e emocionais desafiadoras enfrentadas pelos professores. Além disso, as pesquisas analisadas apontaram para a falta de políticas públicas eficazes que poderiam mitigar esses problemas, ressaltando a necessidade urgente de intervenções que valorizem e protejam a saúde dos educadores. A pesquisa destacou a urgência de melhorias nas condições de trabalho dos professores, incluindo a implementação de estratégias que reduzam o estresse ocupacional e promovam um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável. Não obstante, a valorização profissional dos docentes, através de salários dignos e condições adequadas de trabalho, foi identificada como fundamental para garantir a qualidade da educação e o bem-estar dos educadores.

Palavras-chave: Precarização. Saúde do professor. Trabalho docente.

ABSTRACT

This Master's research in Education is linked to the research line Pedagogical Practices - articulating elements of the Tuiuti University of Paraná, Curitiba/ PR. It problematizes the concepts of work, teaching work and teacher health, having as general objective to analyze the production of knowledge about the health of the teacher, paying attention to the advertisements and complaints registered in the surveys. Methodologically, it has a bibliographical nature, covering a search through the electronic databases TEDE (Thesis and Dissertation Database of CAPES), SciELO, Scopus, PubMed and Web of Science, with the keywords: "teaching work", "precariousness of work" and "teacher health". In the period from 2006 to 2023, around 46.43% of the studies addressed Burnout Syndrome, 25% analyzed psychic diseases (depression and anxiety) and 28.57% reported physical diseases such as voice problems, joint pain, migraines, among others. The complaints point to excessive workload, inadequate wages, poor working conditions and the lack of institutional policies as the main causes of teachers' illness. Other critical factors include the bureaucratization of work, conflicts of roles, academic requirements, invasion of private space and deprivation of family life and leisure hours. In addition, violence in schools, students' indiscipline, precarious working conditions and lack of social support further aggravate the situation. The studies examined broadly addressed the precariousness of teaching work, highlighting issues such as excessive workload, inadequate wages, and challenging physical and emotional conditions faced by teachers. In addition, the researches analyzed pointed to the lack of effective public policies that could mitigate these problems, highlighting the urgent need for interventions that value and protect the health of educators. The research highlighted the urgency of improvements in teachers' working conditions, including the implementation of strategies that reduce occupational stress and promote a healthier and more sustainable work environment. Nevertheless, the professional valuation of teachers, through decent wages and adequate working conditions, was identified as fundamental to ensure the quality of education and the well-being of educators.

Keywords: Education. Precariousness. Teacher's Health. Teaching work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapeamento dos estudos que anunciam e denunciam acerca da saúde do professor no contexto do trabalho docente.....	16
Figura 2 – Técnicas de pesquisa das produções acadêmico-científicas acerca da saúde do professor no contexto docente, de 2006 a 2023.....	46
Figura 3 – Principais doenças que acometem os docentes, de acordo com as produções acadêmico-científicas acerca da saúde do professor no contexto docente, de 2006 a 2023.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenadoria de Pessoal da Educação Superior.....	12
HAS – Hipertensão Arterial Sistêmica.....	37
LER – Lesão por Esforço Repetitivo.....	52
OIT – Organização Internacional do Trabalho	34
PNSST – Política Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho	41
QV/QVT – Qualidade de vida e Qualidade de vida profissional	44
TEDE – Banco de Teses e Dissertações	12

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando a sobrecarga de trabalho e o esgotamento físico e mental.....	49
Quadro 2 – Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando a Síndrome de Burnout e outras doenças mentais.....	53
Quadro 3 – Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando problemas de saúde e doenças ocupacionais.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TRABALHO DOCENTE E SAÚDE DO PROFESSOR: REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Sobre o conceito de trabalho.....	18
2.2 Relação Trabalho e Educação: em busca de elementos para compreender a saúde do professor	23
2.3 Precarização do trabalho docente	27
2.4 Trabalho docente e saúde do professor.....	34
3 TRABALHO DOCENTE E SAÚDE DO PROFESSOR: ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA DE 2006 A 2023	41
3.1 Técnicas das pesquisas acadêmico-científicas.....	42
3.2 Abordagens das pesquisas acadêmico-científicas.....	47
3.3 Principais doenças detectadas nas pesquisas acadêmico-científicas.....	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto de investigação a saúde do professor no contexto do trabalho docente a partir das pesquisas educacionais. É uma pesquisa de natureza bibliográfica com marco temporal de 2006 a 2023. A escolha do tema é motivada pela crescente preocupação com as condições de trabalho e os impactos na saúde física e mental dos educadores, aspectos que influenciam diretamente a qualidade do ensino e a formação dos estudantes. Este estudo busca oferecer uma visão abrangente sobre as doenças e fatores que afetam os professores, além de denunciar as causas subjacentes a essas problemáticas, como a precarização do trabalho e a ausência de políticas públicas eficazes.

A problematização sobre a saúde do professor no contexto do trabalho docente, inicialmente, é realizada com base em obras de autores(as) tais como: Clock *et al.* (2018), Sanchez *et al.* (2019), Cortez *et al.* (2017), Alexandre *et al.* (2020), Martins *et al.* (2021), Souza *et al.* (2016), Marchetti *et al.* (2016), Souza *et al.* (2016), dentre outros. Todos reconhecem que o trabalho do professor é fundamental no processo de formação dos seres humanos.

No entanto, as condições do trabalho docente têm impactos diretos na saúde do profissional, uma vez que ser professor envolve uma série de desafios físicos, mentais e emocionais que podem afetar a saúde a longo prazo se não forem adequadamente cuidados (Sanchez *et al.*, 2019, p. 4118). Alguns aspectos relacionados à saúde do professor no contexto do trabalho docente envolvem:

a) Estresse: o estresse é uma das principais preocupações para os professores. Eles precisam lidar com altas demandas de trabalho, pressão para cumprir metas e expectativas, além de problemas de comportamento dos alunos. O estresse crônico pode levar a problemas de saúde física e mental, como doenças cardíacas, ansiedade e depressão. É essencial que os professores tenham acesso a recursos de gerenciamento do estresse e apoio emocional (Cortez *et al.*, 2017, p. 118);

b) Carga de trabalho excessiva: os professores frequentemente enfrentam uma carga de trabalho intensa, com longas horas de trabalho, muitas responsabilidades e prazos apertados. A sobrecarga de trabalho pode levar à exaustão física e mental, prejudicando a saúde geral do professor. É importante que as escolas e instituições educacionais considerem a carga de trabalho dos

professores e promovam estratégias de equilíbrio entre vida pessoal e profissional (Alexandre *et al.*, 2020);

c) Ambiente físico: o ambiente físico em que os professores trabalham também pode afetar sua saúde. Salas de aula lotadas, má ventilação, mobiliário inadequado e falta de recursos podem contribuir para problemas de saúde, como dores nas costas, problemas respiratórios e fadiga. É importante que as escolas forneçam um ambiente de trabalho seguro, saudável e confortável para os professores (Cortez *et al.*, 2017, p. 118-119);

d) Relacionamentos interpessoais: os professores interagem diariamente com uma variedade de pessoas, incluindo alunos, pais, colegas e administradores. Relações interpessoais positivas podem contribuir para a satisfação no trabalho e o bem-estar geral do professor. Por outro lado, os conflitos e a falta de suporte social podem afetar negativamente a saúde emocional do professor. É fundamental promover um ambiente de trabalho colaborativo, com canais abertos de comunicação e apoio mútuo (Martins *et al.*, 2021, p. 524);

e) Autocuidado: o autocuidado é essencial para a saúde do professor. Isso inclui cuidar da saúde física, como exercícios regulares, alimentação saudável e sono adequado. Além disso, é importante reservar tempo para atividades prazerosas, hobbies e descanso. Os professores também devem buscar apoio profissional quando necessário, como orientação ou aconselhamento, para lidar com desafios emocionais e manter um equilíbrio saudável (Sanchez *et al.*, 2019, p. 4118).

Alguns dos principais desafios que envolvem especificamente a saúde mental do professor tem sido: ansiedade, estresse e as emoções desagradáveis existentes em sala de aula, dado que a atividade docente é uma das profissões que mais exigem trabalho intelectual (Marchetti *et al.*, 2016). Se não forem bem manejados, tais fatores podem gerar grande desgaste que repercutem sobre a saúde física e emocional afetando significativamente o desempenho profissional. São muitos os fatores que afetam a saúde dos professores, dentre eles a desvalorização social do trabalho, turmas desinteressadas pelo aprendizado, cobranças e exigências de qualificação de desempenho, a falta de recursos tecnológicos e outras tantas (Souza *et al.*, 2016, p. 73).

Nesse contexto, a questão norteadora da pesquisa é: quais problemas têm sido evidenciados nas pesquisas educacionais sobre a saúde de professores no contexto do trabalho?

O objetivo geral é analisar as pesquisas educacionais sobre a saúde do professor, atentando para os seus anúncios e denúncias. Como objetivos específicos destacam-se: i) identificar e analisar produções acadêmico-científicas de tipo que abordam a saúde do professor; ii) problematizar os aspectos indicativos da pesquisa, como anúncios e denúncias sobre a saúde do professor, e iii) descrever quais tipos de doenças têm maior evidência nas pesquisas educacionais. A pesquisa abrangeu os trabalhos realizados no contexto da Educação Básica e da Educação Superior.

Durante a pesquisa são problematizados os conceitos de trabalho, trabalho docente e saúde do professor. O estudo tem natureza bibliográfica, uma vez que tem como substância central o conteúdo de artigos e o que neles tem sido anunciado e denunciado sobre a saúde do professor no contexto do trabalho.

O primeiro passo da pesquisa constitui-se no estudo de obras que tratam do trabalho docente e sua precarização, bem como estudos sobre a saúde do professor.

O segundo passo efetiva-se com o levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science, com as palavras-chave: “trabalho docente”, “precarização do trabalho” e “saúde do professor”.

Com o emprego das palavras-chave supracitadas, estipulando-se um período de 2006 a 2023, foram levantados 217 artigos, os quais somente 33 abordavam intrinsecamente sobre a saúde do professor no contexto docente. Este marco temporal foi selecionado para a pesquisa dos trabalhos devido à relevância histórica e às mudanças significativas ocorridas no campo educacional e nas condições de trabalho docente durante esse período. A partir de 2006, observou-se uma intensificação nas políticas educacionais e nas reformas institucionais que impactaram diretamente a rotina e as responsabilidades dos professores. Além disso, a evolução tecnológica e a crescente digitalização dos ambientes de ensino influenciaram tanto as práticas pedagógicas quanto as demandas laborais dos docentes. O objetivo foi contemplar as teses e dissertações sobre o problema em foco. Nesse sentido, o critério temporal de 2006 pelo fato de ser o ano em que a Coordenadoria de Pessoal da Educação Superior (CAPES) definiu que todos os programas de pós-graduação deveriam depositar as teses e dissertações em bancos digitais do tipo TEDE nos Programas e na CAPES.

A análise das produções científicas sobre o trabalho docente e a saúde dos professores revelou estudos realizados nas regiões do Brasil. Essas pesquisas

destacam a realidade vivida pelos educadores em diferentes contextos e como as especificidades locais influenciam a saúde e as condições de trabalho dos docentes. A seguir, é apresentado um panorama dos estados onde foram conduzidos alguns estudos, enfatizando as particularidades de cada região e como essas influenciam as experiências dos professores. É possível verificar que estados que possuem maior número de programas de pós-graduação também concentram publicações de artigos, como é o caso do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, para citar alguns.

No Rio de Janeiro, oito (8) trabalhos foram publicados (Gomes; Brito, 2006; Silva, 2006; Landini, 2006; Léda, 2009; Lyra *et al.*, 2013; Pereira *et al.*, 2014; Gomez; Klautau, 2021; Machado *et al.*, 2023), destacando-se por abordar uma gama de questões relacionadas ao trabalho docente e à saúde dos professores. Estes estudos exploraram desde a prevalência de síndromes como o burnout até a avaliação detalhada das condições de trabalho e o impacto dessas condições na saúde física e mental dos docentes. A Síndrome de Burnout, comumente associada à exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal, foi um foco significativo, refletindo a alta incidência desse transtorno entre os professores cariocas. Além disso, os artigos discutiram problemas de saúde física, como laringite, faringite e alergias, frequentemente agravados pelas condições ambientais inadequadas das salas de aula, como má ventilação e excesso de poeira.

Em São Paulo, quatro (4) trabalhos se dedicaram a estudar a relação saúde e trabalho docente (Mota, 2010; Pereira, 2012; Borsoi, 2012; Batista; Andrade, 2012). Os estudos também destacaram a sobrecarga de trabalho e a pressão constante por produtividade como fatores críticos que contribuem para o estresse, a ansiedade e a depressão entre os educadores. A análise das condições de trabalho revelou um cenário de precariedade, com infraestrutura insuficiente, falta de recursos didáticos e apoio institucional limitado, o que não apenas compromete a qualidade do ensino, mas também afeta diretamente a saúde e o bem-estar dos professores. Esses artigos denunciam a necessidade urgente de políticas públicas eficazes que abordem essas questões, propondo melhorias nas condições de trabalho, maior apoio psicológico e reconhecimento profissional, como formas essenciais de mitigar os efeitos negativos na saúde dos docentes e garantir um ambiente educacional mais saudável e sustentável.

Em Minas Gerais, cinco (5) estudos foram conduzidos (Leite *et al.*, 2008; Andrade, 2014; Carneiro, 2014; Assunção; Abreu, 2019; Borges *et al.*, 2023). Assim

como nos demais estudos, a Síndrome de Burnout, frequentemente associada à exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal, foi um foco central, destacando a alta taxa desse distúrbio entre os docentes mineiros. Além disso, os artigos investigaram problemas de saúde física, como dores nas costas, alergias e doenças respiratórias, exacerbados por condições ambientais inadequadas nas salas de aula, como má ventilação e poluição. Os estudos também enfatizaram a sobrecarga de trabalho e a pressão constante por resultados como fatores cruciais que contribuem para o estresse, ansiedade e depressão entre os professores.

No Paraná, tem-se que quatro (4) estudos foram realizados (Bosi, 2007; Landini, 2008; Oliveira, Pires, 2014; Salvagioni *et al.*, 2022). A avaliação das condições de trabalho revelou um cenário de precariedade, com infraestrutura deficiente, falta de recursos pedagógicos e suporte institucional insuficiente, comprometendo não apenas a qualidade do ensino, mas também afetando diretamente a saúde e o bem-estar dos educadores. Esses artigos destacam a necessidade urgente de políticas públicas eficazes que enfrentem essas questões, propondo melhorias nas condições de trabalho, maior apoio psicológico e reconhecimento profissional como medidas essenciais para mitigar os efeitos adversos na saúde dos docentes e assegurar um ambiente educacional mais saudável e sustentável.

No Rio Grande do Sul, os três (3) trabalhos publicados (Guarany, 2012; Vilela; Garcia; Vieira, 2013; Moreira; Rodrigues, 2018) revelaram um cenário de precariedade, com infraestrutura insuficiente, carência de recursos didáticos e falta de apoio institucional, prejudicando tanto a qualidade do ensino quanto a saúde e bem-estar dos professores. Estes artigos sublinham a necessidade urgente de políticas públicas eficazes que abordem essas questões, propondo melhorias nas condições de trabalho, maior suporte psicológico e reconhecimento profissional como medidas essenciais para mitigar os efeitos negativos na saúde dos docentes e assegurar um ambiente educacional mais saudável e sustentável.

O estudo publicado em Goiás (Sanchez *et al.*, 2017) explora problemas de saúde física, como dores nas costas, alergias e doenças respiratórias, exacerbados por ambientes escolares inadequados. O estudo também sublinhou a sobrecarga de trabalho e a pressão constante por produtividade como fatores críticos que contribuem para o estresse, ansiedade e depressão entre os professores. Além disso, os desafios únicos enfrentados por professores em ambientes rurais, com recursos limitados e

acesso restrito a serviços de saúde, foram frequentemente mencionados, destacando a necessidade urgente de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho e o apoio institucional.

No Maranhão, o estudo de Lázaro (2013) discutiu problemas de saúde física, como dores nas costas, alergias e doenças respiratórias, exacerbados por ambientes escolares inadequados. O estudo também destacou a sobrecarga de trabalho e a pressão constante por produtividade como fatores críticos que contribuem para o estresse, ansiedade e depressão entre os docentes. Os desafios únicos enfrentados por professores em ambientes rurais, com recursos limitados e acesso restrito a serviços de saúde, também foram abordados, enfatizando a necessidade urgente de políticas públicas eficazes.

Na Bahia, o trabalho de Lemos (2014) examinou problemas de saúde física, como dores lombares, alergias e doenças respiratórias, agravados por condições escolares inadequadas. O estudo também enfatizou a sobrecarga de trabalho e a constante pressão por resultados como fatores cruciais que contribuem para o estresse, ansiedade e depressão entre os professores. Desafios específicos enfrentados por docentes em áreas rurais, com acesso restrito a recursos e serviços de saúde, também foram destacados, sublinhando a necessidade urgente de políticas públicas que abordem essas questões.

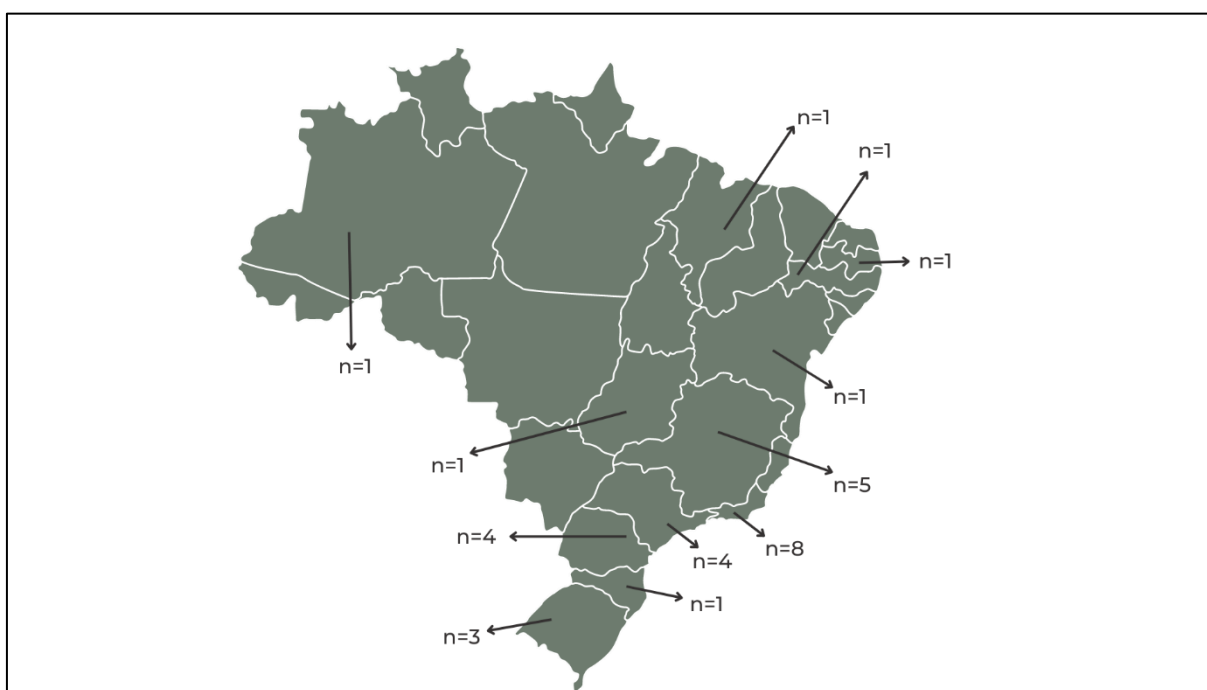
Em Pernambuco, um (1) trabalho (Mendes, 2015) discutiu problemas de saúde física, como dores nas costas, alergias e doenças respiratórias, agravados por condições escolares inadequadas, além de enfatizar a sobrecarga de trabalho e a constante pressão por produtividade como fatores críticos que contribuem para o estresse, ansiedade e depressão entre os professores.

Por fim, os artigos publicados em Santa Catarina (Marchetti *et al.*, 2016), Paraíba (Souza *et al.*, 2016b) e Amazonas (Tundis; Monteiro, 2018) refletem uma crescente conscientização sobre a importância de considerar as especificidades regionais na promoção da saúde do professor. Esses estudos muitas vezes revelam desafios únicos enfrentados por professores em ambientes rurais, com recursos limitados e acesso restrito a serviços de saúde. Os desafios específicos enfrentados por professores em ambientes rurais, com acesso restrito a recursos e serviços de saúde, também foram abordados, enfatizando a necessidade urgente de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho e apoio institucional.

A publicação de pesquisas em revistas digitais, com endereço web (Lim; Lima-Filho, 2009; Forattini; Lucena, 2015), reflete a tendência crescente de acesso aberto ao conhecimento científico on-line, ampliando o alcance e a acessibilidade das informações sobre saúde do professor. Esses estudos, em conjunto com os realizados em instituições de destaque, ampliam o entendimento dos diversos fatores que afetam a saúde dos professores, oferecendo informações cruciais para a formulação de políticas e práticas específicas de suporte à saúde ocupacional desses educadores.

Em suma, uma análise regional demonstrou uma concentração significativa de estudos na região Sudeste do Brasil, representando 51,5% do total. A região Sul contribuiu com 24,2% das publicações, enquanto as regiões Norte e Nordeste apresentaram uma participação equivalente a 3% e 9% respectivamente. Por fim, o Centro-Oeste do país foi responsável por 3% dos estudos revisados nesta área (Figura 1).

Figura 1: Mapeamento dos estudos que anunciam e denunciam acerca da saúde do professor no contexto do trabalho docente. Organização: a autora (2024).



Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

A pesquisa se configura como de natureza bibliográfica, conforme delimitado por Souza (2020): 1) escolha dos trabalhos e fontes bibliográficas; 2) organização das informações sobre as pesquisas, como título, tipo de pesquisa, ano de publicação,

anúncios, denúncias e cursos; 3) sistematização das informações com o objetivo de identificar os principais anúncios e denúncias nos trabalhos, e 4) leitura na íntegra dos conteúdos ou estudo sistemático do corpus bibliográfico, focando na discussão das informações.

Esta dissertação é composta de dois capítulos. O primeiro é de natureza teórica e versa sobre o conceito de trabalho, trabalho docente e primeiros apontamentos sobre a saúde do(a) professor(a). O segundo capítulo, por sua vez, trata da análise das obras propriamente dita, abordando as temáticas, os anúncios e denúncias, bem como as principais doenças apontadas nos estudos.

2 TRABALHO DOCENTE E SAÚDE DO PROFESSOR: REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo de fundamentação teórica explora a interligação complexa entre o trabalho docente e a saúde do professor. As obras que contribuem para a construção do referencial teórico são de autores(as) tais como: Marx (1978; 1983; 1998; 2007; 2008), Saviani (1994; 2007; 2013; 2015; 2016), Souza, Pereira e Fontana (2020), dentre outros.

2.1 Sobre o conceito de trabalho

Para fundamentar este tópico, são analisados os textos: “Crítica da educação e do ensino. Introdução e notas de Roger Dangeville” (1978), “Contribuição à crítica da economia política” (1983), “O capital: crítica da economia política: livro segundo: o processo da circulação do capital: volume III” (1998), “A ideologia alemã (Introdução)” (2007) e “O capital / Karl Marx / traduções e condensação de Gabriel Deville” (2008), de Karl Marx.

Para Marx, o trabalho desempenha um papel central na organização da sociedade e na determinação das condições de vida das pessoas. A análise do trabalho é fundamental para sua crítica ao sistema capitalista, uma vez que via o trabalho como a fonte de toda riqueza material. Marx argumentava que, por meio do trabalho humano, matérias-primas são transformadas em produtos acabados, criando valor econômico. No entanto, no sistema capitalista, os trabalhadores não detêm os meios de produção, como fábricas e terras, e, portanto, são obrigados a vender sua força de trabalho aos proprietários dos meios de produção em troca de salários. Isso cria uma divisão fundamental na sociedade entre a classe trabalhadora, que possui apenas sua força de trabalho, e a classe capitalista, que controla os meios de produção.

Para Marx, essa relação de exploração entre trabalhadores e capitalistas é a essência do capitalismo. Ele argumentava que os capitalistas lucram ao pagar aos trabalhadores menos do que o valor que eles criam por meio de seu trabalho. Essa mais-valia, como Marx a chamava, é a base do lucro capitalista, mas também gera desigualdades e alienação entre os trabalhadores, que muitas vezes se sentem dissociados do resultado de seu trabalho.

Se considerarmos o trabalho como um elemento fundamental na formação da convivência humana, um ponto de partida no processo de sua evolução, também é evidente que, na sociedade capitalista, o trabalho adquire a forma de emprego remunerado, assumindo as características de alienação, fetichização e abstração. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que ele é vital para o funcionamento do sistema capitalista, ele se torna um componente central de subjugação, submissão, estranhamento e objetificação. O trabalho se transforma em um mero meio de sustento, sendo tratado como uma mercadoria peculiar, conhecida como força laboral, cujo principal propósito é enriquecer o capital.

Essa ligação entre os conceitos de trabalho, significado e estratificação social encontra sua primeira síntese na obra "Ideologia Alemã" (2007), adquirindo maior profundidade em numerosos de seus textos subsequentes, culminando de maneira mais refinada em "O Capital" (1998). Às vezes enfatizando elementos temporais e políticos, em outras ocasiões, aspectos de natureza social e sua estrutura, Marx construiu uma teoria que evolui por meio de um processo de interdependência conceitual. Nesse contexto, os conceitos de ocupação, significado e estrato social se influenciam mutuamente à luz dos desafios históricos prementes que permeavam as sociedades europeias do século XIX.

Analisando as reflexões de sua obra (Marx, 1983; 2008), é possível identificar a clareza com que as relações sociais e econômicas no sistema capitalista implicam no trabalho, segundo Marx:

Sendo a força de trabalho uma faculdade do indivíduo vivente, é preciso que esse se conserve para que aquela subsista. O indivíduo necessita, para seu sustento ou para sua conservação, de certa quantidade de meios de subsistência. A força de trabalho tem, pois, exatamente o valor dos meios de subsistência necessários ao que a põe em ação, para que possa começar no dia seguinte em iguais condições de vigor e de saúde (Marx, 2008, p. 80).

Ao analisar o trabalho na sociedade, Marx ressalta a importância de examiná-lo considerando sua natureza dupla, que se desdobra através do trabalho tangível e do trabalho conceitual:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor das mercadorias. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma

especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso (Marx, 1983, p.53).

O trabalho é tido como essência humana, como uma atividade fundamental, uma expressão de sua natureza social. O trabalho é uma forma de os indivíduos interagirem com a natureza, transformando-a para atender às suas necessidades materiais. No entanto, para o sistema capitalista o trabalho se torna alienado e isso ocorre em virtude da falta de controle dos trabalhadores sobre o processo de produção e os produtos do seu trabalho. A relação do trabalho e as condições precárias enfrentadas pelos trabalhadores no sistema capitalista incluem longas horas de trabalho, salários baixos, falta de segurança e exploração, sendo essas condições inerentes ao sistema capitalista, o qual busca maximizar o lucro em detrimento dos direitos e bem-estar dos trabalhadores.

De um lado, observamos o crescimento exponencial da indústria, caracterizado pela incorporação de novos recursos produtivos (tecnologia) e o influxo de massas de operários, resultando na expansão caótica das áreas urbanas. Isso também deu origem ao aumento de tensões sociais e políticas, diretamente ligadas à constante necessidade de aumentar a produtividade. Além disso, notamos a intensificação do labor, com jornadas extenuantes, condições de trabalho precárias e remunerações insuficientes. Por outro lado, surgiram movimentos organizados de trabalhadores, como os socialistas, comunistas e anarquistas, bem como a formação da Liga dos Comunistas, a realização de congressos operários e a disseminação de periódicos revolucionários. Esses acontecimentos históricos desempenharam um papel fundamental nas análises de Marx sobre as sociedades capitalistas europeias e, ao generalizar os processos históricos e sociais que testemunhou, ajudaram a delinear os aspectos estruturais da relação entre o capital e o trabalho.

Marx acreditava que o trabalho alienado sob o capitalismo resultava em uma série de problemas sociais, incluindo a alienação dos trabalhadores em relação ao produto de seu trabalho, a falta de controle sobre o processo de produção e uma crescente desigualdade econômica. Ele defendia uma sociedade na qual os trabalhadores seriam os proprietários dos meios de produção, eliminando assim a exploração e construindo uma ordem social mais justa. Suas ideias sobre o trabalho continuam a ser uma influência poderosa no pensamento social e político contemporâneo.

Não obstante, é possível perceber que a alienação do trabalhador se manifesta por meio de três processos distintos. A primeira forma de perpetuação da alienação emerge na relação deste com os resultados de seu esforço. Em outras palavras, o produto de seu trabalho, a mercadoria que cria, deixa de ter significado para ele, uma vez que desconhece sua finalidade e o destino daquilo que produz, compreendendo apenas que sua aquisição lhe é inacessível devido ao seu elevado custo. A segunda manifestação da continuação da alienação ocorre durante o ato de produção das mercadorias. O trabalhador não consegue se identificar com seu próprio trabalho, tornando-se descontente e incapaz de se afirmar dentro de seu ambiente profissional. O trabalho se transforma em uma espécie de confinamento, induzindo o trabalhador a sentir-se fatigado e desmotivado. A atividade deixa de ser uma experiência que proporciona realização pessoal e contribui para a transformação da sociedade como um todo, passando a ser percebida como uma obrigação forçada, um sacrifício. A terceira forma de perpetuação da alienação acontece devido ao fato de que, no contexto do sistema de produção capitalista, o trabalhador reduz sua atividade laboral a um simples meio de sobrevivência. Em outras palavras, o trabalho deixa de ser uma atividade vital que contribui para a evolução do ser genérico, tornando-se apenas uma tarefa que atende às necessidades básicas do trabalhador, como alimentação, vestuário, entre outros aspectos essenciais.

Em uma comunidade onde o sistema de produção capitalista está estabelecido, a mercadoria deixa de expressar seu valor de utilização primordial e adquire a característica de valor de intercâmbio. Em outras palavras, a produção de mercadorias requer que esses produtos sejam destinados a alguém que deseje adquiri-los. Para viabilizar esse processo, torna-se imperativo estabelecer uma divisão social das ocupações. Nas palavras de Marx:

Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho (Marx, 1963[1844], p. 50).

Nesse contexto, no ambiente capitalista, as mercadorias adotam um valor ou uma modalidade de intercâmbio universal, eliminando as discrepâncias que existem entre as diversas representações de valor de utilidade e valor de troca. É dessa maneira que surge o dinheiro:

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato (Marx, op. cit., p.47).

A partir desta menção, podemos discernir a conexão que se estabelece entre a mercadoria e o trabalho alienado. A mercadoria, que deve ser entendida como a representação concreta e a manifestação tangível do labor em uma sociedade capitalista, através da criação dos valores de troca e do dinheiro, reduz a utilidade dos produtos do trabalho a quase nada. Isso resulta na perda da percepção dos trabalhadores sobre a utilidade de seu próprio labor, fazendo com que a mercadoria seja vista como algo distante deles, algo que quase ganha vida própria. Isso, por sua vez, dá origem ao fenômeno conhecido como fetichismo da mercadoria, um conceito que Marx (op. cit., p.70) descreve como algo que "além de permanecer sólido no solo, ela se ergue acima de todas as outras mercadorias e manifesta pensamentos muito mais estranhos do que se ela começasse a dançar por conta própria".

Dentro desse contexto, para Marx, o trabalho deveria ser compreendido como a relação entre o ser humano e o meio ambiente. Entretanto, com a chegada do sistema de produção capitalista e a subsequente divisão social do trabalho, o trabalho adquire um caráter negativo, tornando-se sinônimo de conflito de classes e perpetuação das disparidades sociais. Para o trabalhador, resta apenas a venda de sua força de trabalho. Ele não se identifica com o produto de seu esforço e com o ambiente de trabalho. O trabalhador se empobrece progressivamente enquanto gera abundância que se concentra nas mãos da elite dominante. De acordo com Marx, o trabalho na sociedade capitalista é sinônimo de domínio e subjugação.

Assim, temos que o trabalho desempenha um papel fundamental na garantia da reprodução cotidiana e imediata da sociedade, além de possibilitar aos indivíduos - à coletividade humana como um todo - se dedicarem a atividades que contribuem para uma vida mais plena. Isso ocorre porque é por meio da acumulação de realizações e conquistas ao longo da história, no contexto das práticas de trabalho, que reside o cerne de todo o processo de desenvolvimento humano. Isso implica que cada nova geração não precisa redescobrir conhecimentos básicos ou reinventar tecnologias fundamentais. Essa base estabelecida permite que, uma vez satisfeitas

as necessidades essenciais, as pessoas possam buscar uma existência que, pelo menos em potencial, seja cada vez mais caracteristicamente humana:

Com efeito, então, temos que ‘a atividade produtiva, imposta ao homem pela necessidade natural, como condição fundamental da sobrevivência e do desenvolvimento humanos, torna-se assim idêntica à plenitude humana, isto é, à realização da liberdade humana’ (Mészáros, 2006, p.153).

Em resumo, as definições de trabalho propostas por Karl Marx, centradas na relação entre o trabalhador, os meios de produção e a alienação resultante desse processo, continuam a ter relevância no contexto contemporâneo. Ao aplicarmos esses conceitos à profissão docente, torna-se evidente que os educadores também estão inseridos em um sistema que, em muitos casos, pode levar à alienação devido a demandas excessivas, falta de autonomia e pressões crescentes.

Assim, a conexão entre o trabalho docente e a saúde do professor é inegável, uma vez que a exposição contínua a esses fatores de estresse pode ter sérias consequências para o bem-estar físico e mental dos educadores. Portanto, compreender e abordar as dinâmicas do trabalho docente à luz das teorias de Marx não só é relevante para a compreensão mais profunda das condições laborais dos professores, mas também para promover mudanças necessárias visando a melhoria da qualidade de vida e, por consequência, da qualidade da educação oferecida às futuras gerações.

2.2 Relação Trabalho e Educação: em busca de elementos para compreender a saúde do professor

Para fins de fundamentação teórica, foram analisados os textos de Dermeval Saviani, sendo eles: “O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar” (1994), “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos” (2007), “Debate sobre as relações entre educação, formação humana e ontologia a partir do método dialético” (2013), “O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural” (2015) e “A pedagogia histórico-crítica na educação do campo. Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: histórias, desafios e

perspectivas atuais” (2016), além do texto “Trabalho e educação: o método ergológico”, de Trinquet (2010).

A relação entre trabalho e educação desempenha um papel crucial na formação das sociedades e no desenvolvimento individual. O trabalho e a educação estão intrinsecamente ligados, pois a forma como uma sociedade organiza e valoriza o trabalho influencia diretamente a maneira como a educação é estruturada e como os indivíduos se preparam para suas carreiras.

No Brasil, as discussões de Saviani expostas no texto “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos” abordam acerca das capacidades dos seres humanos em trabalhar e educar e ainda os questionamentos da separação e tentativas de restabelecimento do vínculo entre trabalho e educação.

Saviani (1994; 2013; 2015; 2016), um renomado educador e teórico brasileiro, se tornou conhecido por suas contribuições no campo da pedagogia e da educação. Embora não tenha se concentrado especificamente na relação entre educação e trabalho, algumas de suas ideias podem ser aplicadas a esta seção, sendo algumas de suas principais contribuições em relação à educação e sua possível conexão com o trabalho:

1. Teoria Histórico-Crítica da Educação: busca compreender a educação a partir de uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada. Nessa abordagem, a educação é vista como um elemento fundamental para a transformação da sociedade (Saviani, 2016);
2. Trabalho como princípio educativo: Saviani defende que o trabalho é um princípio educativo essencial na formação dos indivíduos. Ele argumenta que a atividade laboral, quando articulada com a educação, pode promover a formação integral dos sujeitos, desenvolvendo habilidades cognitivas, práticas e éticas (Saviani, 1994);
3. Educação como mediação: para Saviani, a educação desempenha um papel de mediação entre a cultura e o indivíduo, ajudando a transformar os conhecimentos e experiências socialmente construídos em conhecimentos apropriados pelos alunos. Nesse sentido, a educação pode fornecer aos estudantes as ferramentas necessárias para participar criticamente do mundo do trabalho e da sociedade (Saviani, 2015);
4. Trabalho e formação humana: embora não tenha abordado diretamente a relação entre trabalho e educação profissional, Saviani enfatiza a importância

de uma formação humana que inclua não apenas aspectos cognitivos, mas também éticos, estéticos e políticos. Ele argumenta que a educação deve formar indivíduos capazes de exercer um trabalho qualificado, consciente e comprometido com a transformação social (Saviani, 2013).

É importante notar que essas são apenas algumas das contribuições de Saviani e sua visão mais ampla sobre a educação. Ele se concentra principalmente na relação entre a educação e a sociedade, destacando o papel da escola na formação dos sujeitos e na construção de uma sociedade mais justa.

Ainda sobre trabalho e educação, Saviani (2007) afirma que as atividades de trabalho e educação são distintivamente humanas, implicando que, estritamente falando, somente o ser humano se envolve em trabalho e instrui:

Diríamos, pois, que no ponto de partida, a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie (Saviani, 2007, p. 154).

É, portanto, devido às características essenciais do conjunto de atividades de trabalho - que funcionam como o gatilho para o processo de humanização e garantem a continuidade e o aprimoramento desse processo, por meio da preservação de suas conquistas históricas – que é inviável dissociar o processo educacional do trabalho. Em outras palavras, a categoria educação está intrinsecamente conectada à categoria trabalho, em uma perspectiva ontológica.

Segundo a obra de Trinquet (2010), a educação desempenha um papel fundamental na preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho. Ela fornece o conhecimento, as habilidades e as competências necessárias para que as pessoas possam desempenhar funções específicas em uma variedade de profissões e setores. A educação formal, como a escola e a universidade, é o principal meio pelo qual os indivíduos adquirem conhecimento especializado e habilidades técnicas. Além disso, a educação também desempenha um papel importante no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, que são fundamentais para o sucesso no local de

trabalho, como a capacidade de comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas.

Por outro lado, o trabalho influencia a educação ao definir as demandas e as expectativas do mercado de trabalho. As mudanças nas necessidades do mercado de trabalho, como avanços tecnológicos ou mudanças nas indústrias, muitas vezes levam a mudanças na educação e no treinamento oferecidos para preparar os indivíduos para essas demandas. Além disso, o trabalho muitas vezes oferece oportunidades de aprendizado prático e experiência profissional, complementando a educação formal.

No entanto, a relação entre trabalho e educação também pode ser afetada por desigualdades sociais. Acesso desigual à educação de qualidade pode limitar as oportunidades de emprego para certos grupos de pessoas, perpetuando assim desigualdades econômicas e sociais. Portanto, a promoção de uma educação equitativa e acessível é essencial para garantir que todos os indivíduos tenham igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

O trabalho e a educação são interdependentes e desempenham papéis complementares na vida das pessoas e no funcionamento da sociedade. O desenvolvimento de políticas educacionais que estejam alinhadas com as necessidades do mercado de trabalho e que promovam a igualdade de acesso à educação desempenha um papel fundamental na criação de uma sociedade mais justa e próspera.

Em última análise, a intersecção entre trabalho e educação revela a importância de reconhecer e valorizar o papel desempenhado pelos professores na formação das mentes jovens e na construção do futuro da sociedade. Contudo, não podemos negligenciar as consequências diretas que as condições de trabalho precárias e as demandas excessivas podem ter sobre a saúde física e mental dos educadores. Para garantir a sustentabilidade e a eficácia do sistema educacional, é imperativo que as instituições e os formuladores de políticas reconheçam a necessidade de proporcionar aos professores um ambiente de trabalho mais saudável e equitativo. Ao fazê-lo, não apenas promovemos o bem-estar dos professores, mas também investimos na qualidade da educação e, consequentemente, no futuro de nossas sociedades, garantindo que os educadores possam continuar a inspirar e capacitar gerações futuras de estudantes de maneira sustentável e significativa.

Para compreender a dinâmica da precarização do trabalho docente, é importante explorar a relação entre trabalho e educação. A interação entre esses dois campos revela não apenas a forma como o trabalho docente é configurado dentro do sistema educacional, mas também como as condições laborais afetam diretamente a qualidade do ensino e o bem-estar dos profissionais da educação. Ao explorar essa relação, destacam-se aspectos como a valorização da profissão docente, a carga de trabalho, a formação continuada e as políticas educacionais que moldam o contexto em que os professores atuam. Essa análise estabelece um contexto fundamental para investigar como a precarização do trabalho docente se manifesta e impacta tanto os professores quanto o sistema educacional como um todo.

2.3 Precarização do trabalho docente

Sobre trabalho docente constituem fundamentação da pesquisa, além de outros estudos, os textos: “A precarização do trabalho docente: o ajuste normativo encerrando o ciclo” (2021) e “A precarização do trabalho docente” (2022) de Acácia Zeneida Kuenzer, além da obra de Karl Marx e Friedrich Engels, intitulada “Crítica da educação e do ensino. Introdução e notas de Roger Dangeville” (1998) e de Maria Antônia de Souza e colaboradoras, “Educação em tempos de pandemia: narrativas de professoras(es) de escolas públicas rurais” (2020).

A atividade humana é composta por um conjunto de ações, e o motivo ou a necessidade objetiva que leva uma pessoa a agir não se alinha necessariamente ao resultado imediato de cada uma dessas ações que constituem a atividade. O elo entre o resultado imediato de uma ação e o propósito da atividade só é estabelecido quando consideramos suas relações com todas as outras ações que compõem a atividade como um todo. Assim, não é cada ação individual que se justifica por si só em relação ao propósito da atividade, mas é o conjunto delas que deve manter coesão com esse propósito. Por exemplo, a ação de um professor ao rearranjar as carteiras para promover a interação entre as crianças pode parecer incoerente com o fluxo das atividades escolares, a princípio. No entanto, essa ação faz sentido quando vinculada a uma atividade mais ampla, como a produção de textos em grupos, onde as crianças debatem temas e formas de escrita. No entanto, se as crianças não compreenderem que as ações estão relacionadas à atividade global de produção de texto em grupo, correm o risco de ficarem confusas, comprometendo o progresso das atividades

escolares. Portanto, o sentido das ações de todos os envolvidos na atividade é internalizado por eles, atribuindo a essas ações o significado que corresponde ao seu propósito.

Assim, a fim de obter uma compreensão genuína do sentido do trabalho docente, é essencial ressaltar o papel mediador desempenhado por terceiros ou mais indivíduos na etapa de assimilação dos desdobramentos da experiência coletiva:

O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social (Duarte, 1993, p. 47-48).

Os educadores, vistos como profissionais do ensino, enfrentam desafios decorrentes da precarização de suas ocupações. Esses especialistas, assim como outros grupos profissionais, experimentam o fenômeno da proletarização de suas circunstâncias laborais, caracterizada pela diminuição dos rendimentos, desvalorização das tarefas desempenhadas, desprezo social pela profissão, perda de influência sobre o desenvolvimento das atividades laborais, entre outros aspectos.

De acordo com as reflexões de Marx e Engels (1978, p. 39), o trabalho é o meio pelo qual as pessoas moldam o ambiente natural, produzem seus próprios recursos de subsistência e seus meios de sobrevivência, os quais são essenciais para atender às suas necessidades e manter a vida material. Além disso, segundo Marx (1998, p. 202), ao interagir com a natureza externa e transformá-la, o ser humano também altera sua própria natureza.

Simultaneamente, contribui para a construção da complexa estrutura social, onde, ao longo da história, a invenção e utilização de ferramentas possibilitaram a transcendência da existência puramente biológica, conferindo domínio sobre o meio ambiente e sobre o próprio ser humano. Esses avanços, que proporcionaram a humanização, também introduziram, na sociedade de cunho capitalista, um potencial destrutivo, visto que, nos dias de hoje, o trabalho predominante é caracterizado como trabalho abstrato. Nesse contexto, muitos trabalhadores não conseguem experienciar o significado ontológico do trabalho.

A realidade reside no fato de que o trabalhador, ao gerar riqueza de maneira constante, acaba contribuindo para a depreciação gradual de sua própria capacidade como mercadoria. Nesse sentido, à medida que o capital se concentra cada vez mais nas mãos de uma minoria, torna-se evidente a carência que isso gera para proporcionar uma existência justa àqueles que dependem exclusivamente de sua labuta para subsistir. Dentro do contexto delineado pela busca incessante pela acumulação de capital característica do sistema capitalista, o trabalhador, paradoxalmente, ao se empenhar mais, acaba por degradar o próprio valor de sua força de trabalho, transformando-se em uma mercadoria de custo mais acessível. Marx afirma que:

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo dos objetos. O trabalho não cria apenas objetos, ele também se produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens (Marx; Engels, 1978, p. 2).

Uma das manifestações evidentes da precariedade do trabalho dos professores diz respeito à remuneração que recebem pelo tempo e esforço dedicados às suas responsabilidades, especialmente quando se observa a grande maioria, ou seja, aqueles que desempenham funções nas diversas escolas do sistema educacional público.

Os dados fornecidos pelo texto de Siniscalco (2003) confirmam a severidade dessa realidade quando comparada com outros países, inclusive aqueles com condições sociais e econômicas menos favoráveis: o Brasil fica atrás apenas da Indonésia e quase se equipara ao Peru. Todos os demais países oferecem salários mais substanciais no contexto da educação primária, e a situação não é muito diferente no caso da educação secundária, onde o Brasil figura entre os sete países com as remunerações mais baixas do mundo.

A satisfação no trabalho é definida como o resultado da avaliação que o indivíduo tem sobre a sua atividade profissional ou a realização de seus valores por meio do trabalho. Deste modo, um professor que compreende qual o sentido de sua aula diante da realidade de seu aluno, acaba por adquirir também a consciência do

significado de sua ação, dialogando com a necessidade do aluno, acompanha seu progresso, acredita com isso que seu trabalho será importante para o aluno:

- Transmissão de conhecimento: o professor é responsável por transmitir conhecimentos e habilidades para os alunos, detendo o conhecimento especializado em suas áreas de atuação e utilizando métodos e estratégias de ensino para ajudar os alunos a aprender e compreender conceitos importantes;

- Desenvolvimento de habilidades: além do conhecimento acadêmico, o professor desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida, uma vez que auxilia os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração e criatividade, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo atual;

- Influência positiva: o professor tem o poder de influenciar e inspirar os alunos de maneira significativa. Ele pode desempenhar um papel de modelo, motivando os alunos a explorar seus interesses, descobrir suas paixões e alcançar seu potencial máximo. Professores dedicados e inspiradores podem deixar uma marca duradoura na vida dos alunos;

- Formação de cidadãos ativos: os professores têm a responsabilidade de ajudar os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e ativos em suas comunidades. Eles podem fornecer orientação sobre valores, ética, responsabilidade social e respeito pelos outros. Ao promover a consciência cívica e o engajamento social, os professores contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;

- Suporte emocional: além do ensino de conteúdos acadêmicos, os professores desempenham um papel importante no suporte emocional dos alunos. Eles podem oferecer apoio, incentivo e compreensão, ajudando os alunos a lidar com desafios pessoais, desenvolver habilidades socioemocionais e construir uma autoestima saudável;

A expressão "precário" nos conduz, de acordo com as definições presentes no dicionário contemporâneo de Maria Tereza Camargo Biderman, a um contexto de "transitório, não definitivo" ou "deficiente, insuficiente, inadequado" (2003, p. 740). Em nossa interpretação, o termo "precarização" denota a evolução contínua que transforma o trabalho em uma condição precária no cotidiano, na realidade concreta da experiência daqueles que exercem suas atividades laborais.

Segundo Kuenzer (2022), a precarização do trabalho docente refere-se ao processo pelo qual as condições de trabalho dos professores se tornam mais inseguras, instáveis e desfavoráveis. Isso pode incluir uma variedade de fatores, como contratos de curto prazo, falta de estabilidade no emprego, baixos salários, excesso de trabalho, falta de benefícios e poucas oportunidades de desenvolvimento profissional. A precarização do trabalho docente é uma preocupação global e tem sido objeto de muitos estudos e discussões.

O regime de acumulação flexível é um conceito teórico que descreve a reestruturação do sistema econômico no contexto do neoliberalismo. Nesse regime, as empresas buscam flexibilidade em sua produção e organização do trabalho, a fim de se adaptar rapidamente às mudanças nas condições econômicas e às demandas do mercado. Isso geralmente envolve o uso intensivo de tecnologia, a externalização de tarefas e a flexibilização das relações de trabalho, o que pode levar à precarização do trabalho.

Kuenzer (2017) afirma que, no contexto do trabalho docente, o regime de acumulação flexível pode se manifestar de várias maneiras. Por exemplo, as instituições de ensino podem contratar mais professores em regime de tempo parcial ou com contratos de curto prazo, visando reduzir custos e aumentar a flexibilidade. Além disso, a crescente ênfase na produtividade e nos resultados pode aumentar a carga de trabalho dos professores e diminuir a autonomia no planejamento e na execução das atividades de ensino.

Segundo Kuenzer (2022), para que o princípio educativo da acumulação flexível ocorra, tendo como ponto de partida as transformações na infraestrutura material, é preciso conceber novas abordagens para a capacitação dos trabalhadores e seus professores:

Essa nova pedagogia, que responde às demandas do regime de acumulação flexível, fundamenta-se no reconhecimento da existência da combinação entre trabalhos desiguais e diferenciados ao longo das cadeias produtivas; em decorrência, há também demandas diferenciadas, e desiguais, de qualificação dos trabalhadores, que podem ser rapidamente atendidas pelas estratégias de aprendizagem também flexíveis, no trabalho, o que permite que as contratações sejam definidas a partir de um perfil de trabalhador com aportes de educação geral e capacidade para aprender novos processos, e não a partir da qualificação prévia (Kuenzer, 2022, p. 89).

A autora ainda afirma que, com o respaldo das recentes tecnologias e a flexibilização das orientações curriculares, surgiu uma oportunidade para a comercialização generalizada do treinamento docente, tanto em configurações presenciais quanto à distância, ao lado da manutenção de abordagens de alta qualidade destinadas a um grupo seletivo no âmbito de programas de mestrado e doutorado, destinados a instrutores e acadêmicos que desempenharão suas funções em instituições de ensino superior públicas e privadas, cuja entrada não é acessível para a classe trabalhadora, com raríssimas exceções.

Kuenzer (2021) enfatiza que, conseqüentemente, educadores e estudantes estão sujeitos à precarização das condições de trabalho docente, enfrentando o perigo de simplificação do esforço, passividade intelectual, perda de interesse pela literatura, falta de autenticidade, onde o foco reside em adquirir conhecimento de forma rápida e sem dedicação. Isso resulta em uma pedagogia comercializada que oferece alternativas de curta duração, baixo custo e qualidade limitada, presenciais ou à distância, em que o mínimo esforço intelectual é compensado com um certificado carente de significado e incapaz de promover a inclusão.

Saviani (1997) levanta questionamentos em relação às teorias que abordam a proletarianização do trabalho educacional. Na perspectiva do autor, o trabalho dos professores não se enquadra estritamente na "lógica da economia capitalista, uma vez que não geram mais-valia e possuem uma natureza singular: o produto de seu trabalho - o conhecimento - não está sujeito à relação capitalista de produção de mais-valia". Em outras palavras, ao contrário do operário em uma fábrica que fabrica mercadorias que são posteriormente comercializadas no mercado para gerar lucro para seu "empregador", o educador, ao ensinar, não perde o conhecimento que compartilha (a mercadoria produzida/conhecimento). Talvez seja por essa razão que esses autores acima mencionados argumentam contra a atribuição da proletarianização ao profissional da educação pública.

A saúde do professor e o trabalho docente são tópicos inter-relacionados que têm sido objeto de preocupação crescente. O trabalho docente pode ser fisicamente exigente, emocionalmente desgastante e mentalmente desafiador, o que pode afetar a saúde e o bem-estar dos professores.

Até o ano de 1960, no Brasil, uma parcela significativa dos profissionais da educação desfrutava de estabilidade financeira, empregos seguros, prestígio social e remunerações atrativas. Contudo, a partir da década de 1970, o crescimento

populacional impulsionou o aumento do funcionalismo público e dos serviços gratuitos oferecidos, incluindo a educação. Desde então, a atividade educacional tem enfrentado notáveis desafios, transformações e as repercussões dessas mudanças constantes no cenário laboral. Essas condições resultaram em uma série de demandas complexas, cujos efeitos se fazem sentir nos dias de hoje (Vechia; Ferreira, 2020).

Em tempos de crise econômica e investimentos limitados na área da educação, o único elemento que parece ser suscetível a adaptações é o próprio profissional, que, neste contexto, vivencia diretamente todas essas modificações. A função do educador foi ampliada para além das paredes da sala de aula, visando estabelecer uma conexão sólida entre a comunidade e a escola, mesmo em períodos desafiadores. Adicionalmente, o educador passou a assumir a responsabilidade de preencher as lacunas na instituição, buscando de forma autônoma meios para sua requalificação em busca de uma remuneração mais justa.

Para Oliveira *et al.* (2017):

Os professores têm várias responsabilidades profissionais: conhecer bem a matéria, saber ensiná-la, ligar o ensino à realidade do aluno e ao seu contexto social, ter uma prática de investigação sobre seu próprio trabalho. Há, todavia, outra importante tarefa, nem sempre valorizada: participar de forma consciente e eficaz nas práticas de organização e gestão da escola. Os professores, além de terem responsabilidade de dirigir uma classe, são membros de uma equipe de trabalho em que discutem, tomam decisões e definem formas de ação, de modo que a estrutura e os procedimentos da organização e da gestão sejam construídos conjuntamente pelos que atuam na escola (professores, diretores, coordenadores, funcionários, alunos) (Oliveira *et al.*, 2017, p. 338-339).

As condições de trabalho docente se encontram intrinsecamente vinculadas ao contexto físico das instituições educacionais e às dinâmicas interpessoais que permeiam o relacionamento com colegas, estudantes, famílias dos alunos e administração, entre outros aspectos. Esses fatores implicam em uma série de responsabilidades para os profissionais da educação, resultando em níveis de estresse e desilusão com a carreira (Souza; Pereira; Fontana, 2020, p. 1623). Como exemplo dessas circunstâncias, o impacto da "ausência de interações duradouras, parcerias e colaboração entre colegas, levando ao isolamento do professor e gerando desafios que podem desencadear o desconforto profissional" (p. 65). Pereira (2016, p. 237) também enfatiza:

Os professores relataram que, impossibilitados de se proteger adequadamente e sem poder contar com o apoio da família, da justiça, ou mesmo do sistema educacional, encaminham os casos de violência, dos triviais aos mais graves, à coordenação ou à direção da escola para que providências sejam tomadas, ou, a depender da situação, recorrem à intervenção da polícia, como nos casos de brigas generalizadas, de porte de armas ou drogas e de tentativas de assassinato (2016, p. 237).

Estudos científicos realizados em diversas regiões do Brasil indicam que os docentes se encontram em uma posição particularmente vulnerável no que diz respeito à saúde mental, devido às condições impostas pelo trabalho. Os professores, em suas ocupações, encaram uma série de obstáculos e assumem consideráveis responsabilidades, fazendo parte de uma categoria profissional que frequentemente vivencia aflições mentais em decorrência da sobrecarga de tarefas que lhes são atribuídas. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que os profissionais do ensino são a segunda categoria mais afetada por doenças ocupacionais.

Em síntese, a precarização do trabalho docente representa uma preocupação crescente que transcende as fronteiras das salas de aula. Esta tendência de degradação das condições de trabalho dos professores não apenas mina a qualidade da educação, mas também tem um impacto direto na saúde física e mental dos educadores. A sobrecarga de trabalho, a falta de recursos adequados e a insegurança laboral podem gerar níveis alarmantes de estresse e esgotamento entre os professores. Assim, a garantia de um ambiente de trabalho digno e a valorização da profissão docente não são apenas questões éticas, mas também uma necessidade premente para preservar a saúde e o bem-estar dos educadores, o que, por sua vez, se reflete positivamente na educação e, em última instância, na sociedade como um todo. Portanto, é imperativo que sejam implementadas políticas e reformas que combatam a precarização do trabalho docente, assegurando um ambiente de trabalho saudável e sustentável para aqueles que desempenham um papel tão fundamental na formação das futuras gerações.

2.4 Trabalho docente e saúde do professor

Para fundamentar o tópico em questão, são estudados os textos de Maria Núria Serre e colaboradores, intitulado “Condições de trabalho e saúde dos professores da

rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil” (2004) e de José Manuel Esteve, “O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores” (1999).

O trabalho dos docentes, assim como em outras profissões, frequentemente está associado a experiências de sofrimento que podem resultar em problemas de saúde mental, embora também possa contribuir para o bem-estar psicológico dos indivíduos. O adoecimento mental no ensino pode ocorrer devido a conflitos interpessoais, longas jornadas de trabalho extenuantes, a diversidade e complexidade das atividades, as dificuldades inerentes às relações em sala de aula, a desvalorização salarial, a crescente falta de reconhecimento social da profissão e a contínua desqualificação.

Esteve (1999) demonstra uma preocupação com os educadores em suas pesquisas, menciona que esses profissionais correm o risco de esgotamento mental devido a desafios materiais e psicológicos relacionados ao seu trabalho. É uma categoria que depende do trabalho e muitas vezes carece de apoio psicológico para enfrentar situações de desgaste emocional. Além disso, as mudanças nas dinâmicas sociais das últimas décadas alteraram substancialmente o perfil do professor e as expectativas pessoais e sociais em relação à eficácia de suas atividades.

Os professores podem revelar suas angústias por meio de manifestações físicas, que têm origem no ambiente, ou emocionais, que ameaçam a integridade do indivíduo. O processo de saúde-adoecimento pode evidenciar seus indícios até mesmo por meio de algumas ações dos educadores, tais como ausências frequentes, descumprimento da carga horária, indiferença, variações abruptas de humor, reclusão ou desinteresse por questões relacionadas à instituição ou ao ambiente profissional.

Os sintomas mais prevalentes ou intensos de sofrimento e exaustão tendem a ser percebidos naqueles com maior tempo de atuação na docência, sugerindo uma possível acumulação de desgaste ao longo do tempo. Os sinais de angústia manifestados pelos professores estão, sobretudo, ligados à insatisfação decorrente das lacunas que podem surgir em seu trabalho. Esses indícios podem se manifestar na rotina do professor e ser percebidos pelos colegas de trabalho, ou mesmo pelo próprio profissional quando toma consciência da situação.

Além disso, doenças físicas podem servir como sinais de possíveis problemas de saúde mental, como as doenças auditivas, que estão relacionadas à comunicação verbal do professor. Alguns associados ao adoecimento mental da categoria docente

envolvem irritabilidade excessiva, ansiedade descontrolada, nervosismo, angústia, depressão, além da manifestação de quadros de estresse e da Síndrome de Burnout. Esses sintomas são mais propensos a se desenvolverem quando a saúde mental no ambiente de trabalho entra em conflito com as características individuais e as demandas institucionais. O estresse está ligado à Síndrome de Burnout, mas deve ser diferenciado dela, pois é considerado uma doença. Por outro lado, a síndrome não é classificada como uma doença, mas sim como um conjunto de sintomas e manifestações clínicas resultantes de uma ou mais causas. A Síndrome de Burnout pode ser entendida como uma forma persistente de estresse relacionada às circunstâncias laborais, resultante da pressão emocional constante e repetitiva associada ao envolvimento prolongado com pessoas ao longo do tempo.

Dentre as principais demonstrações deste elemento emocional, tem-se: sensação de limitação no que diz respeito ao desempenho no trabalho; percepção de que os desafios apresentados são substancialmente superiores aos recursos disponíveis para resolvê-los; desânimo quanto à perspectiva de mudança nas condições de trabalho; crença de que os objetivos profissionais não serão alcançados; sentimento de sobrecarga laboral; subestimação do valor do trabalho; experiência de frustração e descontentamento relacionados à ocupação; falta de motivação, interesse reduzido e ideais escassos; e percepção de exaustão ao lidar com os alunos.

Dessa forma, a questão do adoecimento mental entre os educadores é um fenômeno que está se ampliando progressivamente na sociedade contemporânea, estando associado às mudanças socioculturais que ocorreram nas últimas décadas. Além disso, a sociedade atual atribui aos professores a responsabilidade de adotar inovações e adquirir novas habilidades para enfrentar o ambiente educacional. Como resultado, as expectativas e exigências em relação a esses profissionais estão em constante crescimento.

No texto sobre "O desconforto do professor", Esteve (1999) descreve que a adoção das novas responsabilidades requeridas pelo contexto social exige um domínio de uma ampla gama de competências pessoais que não podem ser reduzidas apenas ao acúmulo de conhecimento. O autor menciona que os professores enfrentam pressões tanto para se conformarem às normas da sociedade quanto para lidar com desafios relacionados aos recursos humanos e materiais.

De acordo com algumas pesquisas, as disfunções mais evidenciadas por diversos autores incluíram tensão e desgaste emocional em primeiro lugar, seguidos

por problemas vocais e questões musculoesqueléticas, que afetaram cerca de 20% dos casos. Além disso, observou-se a ocorrência de Burnout, depressão e hipertensão arterial sistêmica (HAS). O exercício da profissão docente envolve uma característica distintiva: o contato constante e direto com outras pessoas, o que pode aumentar consideravelmente a probabilidade de enfrentar tensões interpessoais.

O estresse é uma resposta do organismo diante de estímulos adversos externos, sendo um termo utilizado para descrever sentimentos de desconforto, pressão e adversidades. Para se referir ao estresse cotidiano, utilizam-se também os termos cansaço, fadiga e tensão nervosa. Vale mencionar que o estresse pode ter efeitos tanto positivos quanto negativos. O aspecto positivo inclui um estado de alerta, maior concentração nas tarefas, reflexos mais ágeis e, conseqüentemente, uma melhoria na produtividade. Já o efeito negativo se manifesta quando o indivíduo experimenta cansaço, fadiga e, como resultado, apresenta uma performance insatisfatória em suas obrigações laborais.

O estresse percorre um ciclo de três estágios: alerta, resistência e exaustão. A fase de exaustão é particularmente preocupante, já que nesse estágio o indivíduo enfrenta uma considerável dificuldade em controlar a situação que desencadeou o estresse, e o corpo encontra-se exausto, o que pode resultar em disfunções ou enfermidades.

O estresse pode anteceder o surgimento de condições de saúde como HAS, lesões cardíacas e arteriosclerose, além de influenciar negativamente as relações interpessoais e provocar desmotivação. É crucial examinar a fonte causadora do estresse para mitigá-la ou resolvê-la. No estudo de Cantos (2005), as principais fontes de estresse relatadas pelos educadores incluíram sobrecarga de tarefas, decorrente do excesso de atividades, reuniões, carga de trabalho, pressões, responsabilidades, períodos de encerramento de semestres e prazos.

Existe uma correlação positiva entre trabalhar sob alta pressão e impactos negativos na saúde mental, o que explicaria a prevalência de estresse entre os docentes, que frequentemente lidam com um volume substancial de tarefas, muitas delas de natureza psicológica.

Os transtornos mentais não estão somente vinculados ao estresse, mas também o uso de medicamentos para combater a insônia. Diversas pesquisas associaram problemas de saúde mental, estresse e afastamento do trabalho a fatores como sobrecarga de trabalho, condições laborais desfavoráveis, longas jornadas de

trabalho, remuneração inadequada, perda de autonomia, insatisfação e o fenômeno do "mal-estar docente", caracterizado pelo aumento da tensão, atribuições desafiadoras sem os recursos necessários para cumpri-las.

A Síndrome de Burnout é um fenômeno psicossocial que surge em resposta a estresses interpessoais comuns em ambientes de trabalho, particularmente entre profissionais que mantêm contato direto com outras pessoas. Inicialmente, os sintomas podem incluir fadiga e, finalmente, uma falta de envolvimento com as tarefas, manifestando-se como uma dissimulação afetiva, distanciamento pessoal e, em última instância, isolamento social e até mesmo a ruptura do vínculo empregatício.

O Burnout pode estar relacionado a elementos como remuneração insuficiente, salas de aula superlotadas, escassez de recursos materiais, tensão nas interações com os estudantes, excessiva carga horária, conflitos derivados das expectativas de pais e discentes, precarização das condições laborais dos professores e desvalorização de sua imagem. Portanto, a HAS é concebida como uma enfermidade crônica e multifatorial, podendo ser desencadeada por episódios de estresse, Síndrome de Burnout, exaustão emocional e outros fatores de risco, incluindo obesidade, tabagismo, consumo de álcool, histórico familiar de hipertensão, fatores psicológicos e traços específicos de personalidade.

A ativação do sistema nervoso simpático durante períodos de raiva, hostilidade e picos de estresse resulta em uma liberação de hormônios pelas glândulas adrenais, o que provoca alterações no sistema cardiovascular. Essas mudanças preparam o organismo para enfrentar a situação, aumentando a frequência cardíaca e a pressão arterial, podendo culminar em um quadro de hipertensão arterial sistêmica.

De acordo com as observações de Delcor *et al.* (2004), perturbações na voz, como a perda temporária da voz (rouquidão) e dor na garganta, podem estar relacionadas à experiência no magistério, ao não manter uma hidratação adequada durante as aulas e à ausência do uso de microfones. Por outro lado, distúrbios musculoesqueléticos, como dores nas costas, ombros e coluna, são associados à postura prolongada, sobrecarga de trabalho, mobiliário inadequado e esforço físico excessivo durante a execução de suas atividades.

A enfermidade se manifesta em circunstâncias ou padrões de vida que influenciam a saúde e podem elevar ou diminuir a probabilidade de contrair ou desenvolver determinadas patologias (Delcor *et al.*, 2004). A prática regular de atividade física apresenta efeitos benéficos no que tange ao enfrentamento do

estresse no ambiente laboral, além de reduzir os sintomas osteomusculares. Também se estabelece uma correlação entre um nível mais elevado de estresse entre professores sedentários. Canova sugere ainda que a atividade física pode servir como um mecanismo de adaptação ao estresse que eles experienciam no dia a dia. Além dos impactos na qualidade de vida, a conexão entre a longa permanência na docência, a sobrecarga vocal decorrente do grande número de alunos e a exposição a ruídos excessivos, associando esses fatores a distúrbios vocais e à perda auditiva ao longo da trajetória profissional.

Conforme mencionado por Delcor e colaboradores (2004), as queixas relacionadas ao sistema musculoesquelético não são infrequentes e têm relação direta com a má postura corporal, a utilização de mobiliário inadequado, posturas desconfortáveis e o esforço físico exigido para a execução de suas atividades. Os problemas mais comuns entre os docentes envolvem dores nas costas, nas pernas, nos braços e no pescoço, associadas ao tempo prolongado em pé, escrita no quadro, transporte de materiais didáticos, uso de equipamentos audiovisuais e a falta de adequação do mobiliário.

Em resumo, ao analisarmos os principais fatores de estresse que afetam os professores e sua saúde, torna-se evidente a complexidade das demandas colocadas sobre esses profissionais. A sobrecarga de trabalho, a falta de recursos, a pressão por resultados e a constante adaptação a novas realidades educacionais são apenas alguns dos desafios que os educadores enfrentam diariamente. No entanto, a conscientização sobre esses fatores é o primeiro passo para implementar estratégias de apoio e mudanças sistêmicas que possam aliviar o estresse e promover a saúde dos professores. Reconhecer o valor do trabalho docente e investir no bem-estar dos educadores não é apenas uma responsabilidade moral, mas também uma medida essencial para garantir um sistema educacional eficaz e sustentável, onde os professores possam continuar a inspirar e guiar as mentes jovens com energia e paixão. A saúde dos professores é inextricavelmente ligada à qualidade da educação que oferecemos, e é hora de priorizá-la devidamente em nossa sociedade.

O presente capítulo, ao abordar o conceito de trabalho segundo Marx, a relação entre trabalho e educação, a precarização do trabalho docente e a saúde dos professores, forneceu bases teóricas para a análise dos conteúdos das obras examinadas. A perspectiva marxista do trabalho como atividade transformadora e essencialmente humana ofereceu um enquadramento para entender o impacto da

alienação e exploração no contexto educacional. A discussão sobre a interseção entre trabalho e educação destacou a centralidade do trabalho docente na formação de cidadãos críticos, enquanto a análise da precarização do trabalho docente evidenciou os desafios estruturais e sistêmicos que contribuem para a deterioração das condições de trabalho dos professores. Além disso, a abordagem da saúde dos professores, afetada pela sobrecarga de trabalho e condições inadequadas, permitiu uma compreensão dos problemas de saúde mental e física enfrentados pelos docentes. Essas bases teóricas foram fundamentais para a análise detalhada das obras que trataram da saúde dos professores, permitindo identificar e contextualizar os fatores causadores de doenças e os desafios enfrentados pelos educadores em diferentes estados e condições de ensino.

3 TRABALHO DOCENTE E SAÚDE DO PROFESSOR: ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA DE 2006 A 2023

O objetivo deste capítulo é trazer a análise do conteúdo dos artigos que tratam da saúde do professor nas pesquisas acadêmico-científicas, abrangendo trabalhos publicados entre 2006 e 2023 nas bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), Scopus, SciELO, Web of Science e PudMed. Inicialmente, foi delimitado o marco temporal para 2019 a 2023 a fim de alcançar obras mais recentes. Após o processo de qualificação do texto, foi redefinido o limite temporal para 2006 a 2023, englobando as que haviam sido analisadas com a finalidade de revisão de literatura. O marco temporal a partir de 2006 foi selecionado em virtude da relevância histórica e das mudanças significativas ocorridas no campo educacional e nas condições de trabalho docente durante esse período, como a implementação e revisão de diretrizes curriculares nacionais que impactaram o trabalho docente e suas condições, bem como a ampliação do acesso à educação básica e superior, resultando em aumento da demanda e carga de trabalho para os docentes.

Não obstante, esse marco abrange a implementação de diversas políticas públicas voltadas à saúde do trabalhador¹, permitindo uma análise abrangente das condições de trabalho e saúde dos professores ao longo dos anos. Assim, a escolha desse marco temporal possibilita uma compreensão aprofundada das dinâmicas e dos desafios enfrentados pelos docentes, bem como das respostas institucionais e acadêmicas às questões de saúde ocupacional.

Dentro deste contexto, foram analisados os principais anúncios e denúncias evidenciados na literatura acadêmica sobre a saúde do professor no contexto do trabalho, seja na Educação Básica e/ou na Educação Superior. Desta forma, o estudo adotou uma abordagem bibliográfica, conforme delineado por Souza (2020), sendo a seleção criteriosa de obras e fontes bibliográficas pertinentes, a organização sistemática dos dados referentes aos estudos, incluindo título, metodologia, ano de publicação, questões identificadas e contextos de investigação, a análise e categorização das informações para identificar os principais temas e desafios abordados nos estudos, e, por fim, a análise detalhada dos conteúdos ou revisão

¹ Dentre as políticas públicas inclui-se a Política Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho (PNSST), disposta no Decreto nº 7.602, de 7 de novembro de 2011.

sistemática do corpus bibliográfico, focalizando na análise crítica e discussão dos achados.

A seguir, são apresentados os tópicos de técnicas das pesquisas acadêmico-científicas, bem como as temáticas abordadas nos estudos, as abordagens, os anúncios e as denúncias, e por fim, as principais doenças detectadas nos trabalhos.

3.1 Técnicas das pesquisas acadêmico-científicas

As técnicas das pesquisas acadêmico-científicas sobre a saúde do professor no contexto docente abrangem uma ampla gama de abordagens e preocupações, refletindo a complexidade dos desafios enfrentados por esses profissionais no exercício de sua atividade. Esses estudos são fundamentais para compreender não apenas as condições de trabalho dos professores, mas também os impactos dessas condições em sua saúde física, mental e emocional.

Uma das áreas de estudo concentra-se no sofrimento mental dos educadores, explorando os fatores que contribuem para o estresse, a ansiedade e a depressão no ambiente escolar. Esses estudos investigam as pressões emocionais e psicológicas enfrentadas pelos professores, incluindo a sobrecarga de trabalho, a falta de reconhecimento e apoio institucional, e as demandas crescentes por resultados quantificáveis.

Outro tópico importante é a precarização do trabalho docente, que abrange desde a instabilidade contratual até a falta de infraestrutura e recursos adequados para o exercício da profissão. Esses estudos analisam os efeitos da flexibilização laboral e da diminuição dos direitos trabalhistas sobre a saúde física e mental dos professores, destacando os riscos de adoecimento e o aumento do sofrimento psíquico.

Além disso, as condições de trabalho nas diferentes esferas educacionais são objeto de investigação, incluindo tanto o ensino superior quanto a educação básica. Esses estudos buscam compreender as particularidades dos ambientes de trabalho e as demandas específicas enfrentadas pelos professores em cada contexto, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções adaptadas às necessidades de cada grupo profissional.

Há uma preocupação crescente com a percepção de saúde e qualidade de vida dos professores, considerando não apenas os aspectos objetivos das condições de

trabalho, mas também a subjetividade das experiências dos educadores. Esses estudos exploram as relações entre o perfil do ambiente de trabalho, as condições laborais e o bem-estar dos docentes, fornecendo insights importantes para a promoção da saúde e qualidade de vida no ambiente escolar. Em conjunto, essas temáticas refletem a diversidade e a relevância das pesquisas sobre o trabalho docente e a saúde do professor, destacando a importância de abordagens multidisciplinares e contextuais para enfrentar os desafios enfrentados pelos educadores.

As pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, por exemplo, se dedicaram a analisar diferentes aspectos do trabalho docente, desde a sobrecarga de tarefas até as consequências do burnout e da precarização do ensino. Isso incluiu estudos observacionais, revisões bibliográficas e pesquisas longitudinais que buscaram compreender tanto as causas quanto as manifestações desses problemas. No Estado, dois estudos se destacam pela abordagem abrangente da qualidade de vida e das condições laborais dos professores. Um estudo observacional analítico de corte transversal foi conduzido, utilizando métodos quantitativos para avaliar o índice de qualidade de vida dos professores na região carioca. A pesquisa abrangeu aspectos como carga horária, ambiente de trabalho e fatores socioeconômicos, proporcionando uma visão abrangente dos desafios enfrentados pelos educadores em sua vida profissional.

Paralelamente, uma revisão bibliográfica focada no burnout na educação e na precarização do trabalho docente foi realizada no Rio de Janeiro. Esta pesquisa aprofundou-se nas causas e consequências do burnout entre os professores, explorando também os impactos da precarização do trabalho na saúde dos educadores. Ambas as pesquisas cariocas oferecem insights valiosos para o entendimento das condições enfrentadas pelos professores e apontam para possíveis estratégias de melhoria no ambiente educacional. Ao analisar essas relações, os pesquisadores buscam identificar estratégias preventivas para evitar o esgotamento profissional e minimizar o impacto negativo na saúde e no bem-estar dos educadores.

Em São Paulo, outro polo de pesquisa importante, os estudos exploraram temas como intensificação do trabalho, mudanças nas políticas educacionais e o impacto do contexto capitalista na saúde dos professores. Por meio de questionários, ensaios teóricos e revisões de literatura, os pesquisadores buscaram entender como esses fatores afetam a saúde e as condições de trabalho dos docentes.

Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil também contribuíram com pesquisas que abordaram desde a precarização do trabalho docente até as consequências dessa precarização para a saúde dos professores. Por meio de revisões de literatura, análises epidemiológicas e estudos qualitativos, os pesquisadores buscaram identificar os principais desafios enfrentados pelos professores e propor medidas para melhorar suas condições de trabalho e saúde.

Em Minas Gerais, a temática da saúde do professor foi abordada por meio de três pesquisas distintas. A primeira envolveu a aplicação de questionários sobre as condições de trabalho docente em universidades. Essa abordagem quantitativa permitiu uma análise detalhada de fatores como carga horária, suporte institucional e estrutura física, fornecendo dados valiosos para o desenvolvimento de políticas mais eficazes. Em uma segunda pesquisa, questionários foram utilizados para explorar a pressão no trabalho docente, o estado de saúde e as condições de trabalho dos professores em Minas Gerais. A pesquisa buscou entender as correlações entre esses elementos, proporcionando uma visão holística do impacto do trabalho na saúde dos educadores. Além disso, uma revisão bibliográfica sobre as modalidades de adoecimento e sintomas que afetam os docentes universitários do ensino público enriqueceu o panorama das pesquisas na região, trazendo uma compreensão mais profunda das diferentes dimensões do adoecimento no contexto acadêmico.

No Paraná, uma pesquisa específica aplicou questionários para investigar burnout e absenteísmo entre professores. Essa abordagem quantitativa contribuiu para a compreensão dos fatores que levam ao esgotamento profissional e à frequência de ausências dos docentes. Essa análise aprofundada é crucial para o desenvolvimento de estratégias preventivas e de apoio à saúde mental dos professores paranaenses.

Em Goiás, a pesquisa sobre a qualidade de vida e qualidade de vida profissional (QV/QVT) dos docentes universitários se destacou pela aplicação de questionários sociodemográficos. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais ampla dos aspectos sociais e profissionais que influenciam a vida dos professores em Goiás. Os resultados podem ser essenciais para o desenvolvimento de políticas voltadas à melhoria do bem-estar desses profissionais.

Na Bahia, uma pesquisa qualitativa exploratória foi conduzida por meio de entrevistas com professoras e monitoras de creche. Essa abordagem qualitativa

proporcionou uma compreensão mais aprofundada das experiências individuais, permitindo uma análise rica das relações entre trabalho e saúde dessas profissionais.

No Rio Grande do Sul, duas pesquisas abordaram a Síndrome de Burnout. Um estudo de corte transversal aplicou questionários sociodemográficos para avaliar a prevalência da síndrome, enquanto uma pesquisa documental utilizou análises estatísticas dos dados de prontuários de professores afastados por burnout. Essas abordagens combinadas oferecem uma visão abrangente das dimensões individuais e institucionais do burnout no contexto gaúcho.

A região da Amazônia foi foco de uma pesquisa que aplicou questionários sociodemográficos e laborais para identificar fatores críticos do contexto laboral de docentes do ensino superior público associados a riscos à saúde mental. Essa pesquisa pode oferecer insights específicos sobre os desafios enfrentados pelos professores na Amazônia, considerando as peculiaridades geográficas e sociais da região.

Na Paraíba, uma pesquisa aplicou questionários sobre a Síndrome de Burnout e valores humanos, visando verificar a relação entre as dimensões da síndrome e os valores dos professores da rede pública estadual. Essa abordagem pode trazer à tona elementos importantes para compreender não apenas os aspectos clínicos, mas também os valores fundamentais que moldam a experiência dos professores paraibanos.

Santa Catarina, por sua vez, foi objeto de uma pesquisa que realizou uma revisão bibliográfica para investigar os agravos que o trabalho docente desencadeia e pode desencadear. Essa análise aprofundada pode contribuir para a compreensão das especificidades regionais dos desafios enfrentados pelos professores catarinenses.

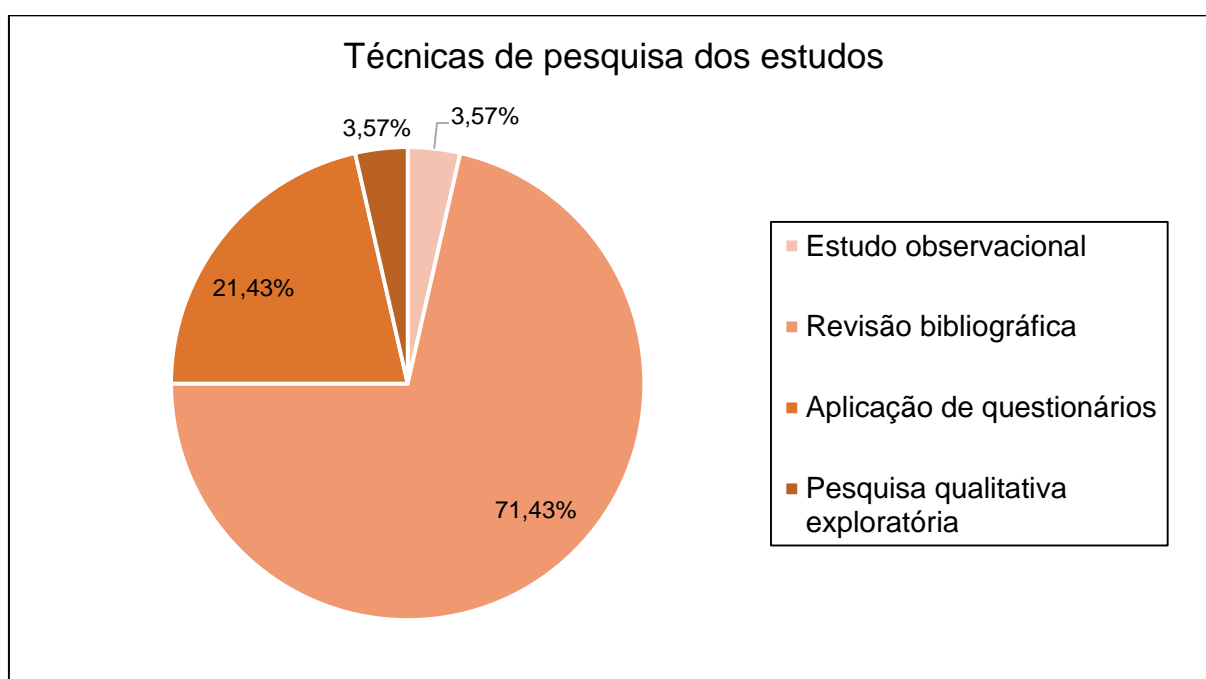
Finalmente, em Tocantins, uma pesquisa conduziu uma revisão bibliográfica para compreender o adoecimento de professores no ensino superior e na educação básica, investigando também as políticas públicas desenvolvidas na área da saúde do professor. Essa abordagem holística fornece uma visão ampla dos fatores que contribuem para o adoecimento e das estratégias governamentais para lidar com a saúde dos professores na região.

Em conjunto, essas pesquisas oferecem um panorama abrangente das diferentes abordagens e desafios enfrentados pelos professores em diferentes regiões

do Brasil, destacando a necessidade de políticas e práticas específicas para promover a saúde e o bem-estar desses profissionais no contexto docente

No geral, as pesquisas sobre a saúde do professor no contexto docente têm como objetivo não apenas diagnosticar os problemas enfrentados por esses profissionais, mas também propor soluções e políticas que contribuam para garantir um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável para todos os envolvidos na educação (**Figura 2**).

Figura 2: Técnicas de pesquisa das produções acadêmico-científicas acerca da saúde do professor no contexto docente, de 2006 a 2023. Organização: a autora (2024).



Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

Além disso, é possível elencar os principais tópicos abordados nos estudos:

1. Sobrecarga de trabalho e burnout: muitos estudos, como os realizados no Rio de Janeiro, destacam a sobrecarga de trabalho como um dos principais desafios enfrentados pelos professores. A constante pressão para cumprir metas, preparar aulas, corrigir avaliações e lidar com questões administrativas pode levar ao burnout, um estado de exaustão física, mental e emocional. A pesquisa nessas áreas visa identificar os fatores que contribuem para esse fenômeno e desenvolver estratégias para preveni-lo.

2. Precarização do trabalho docente: a precarização do trabalho, amplamente estudada em várias regiões do Brasil, refere-se à falta de estabilidade no emprego, baixos salários, carga horária excessiva e falta de reconhecimento profissional. Esses fatores podem impactar negativamente a saúde dos professores, aumentando o estresse e a ansiedade. As pesquisas nessa área buscam entender como essas condições precárias afetam a saúde física e mental dos docentes e propor políticas para melhorar suas condições de trabalho.

3. Qualidade de vida e ambiente de trabalho: estudos realizados em diferentes localidades, como em Florianópolis, têm investigado a relação entre o ambiente de trabalho e a qualidade de vida dos professores. Ambientes de trabalho positivos, com boa infraestrutura, apoio administrativo e colegial, e oportunidades de desenvolvimento profissional, tendem a promover uma melhor qualidade de vida para os professores. Essas pesquisas buscam identificar os elementos-chave de um ambiente de trabalho saudável e propor intervenções para melhorá-lo.

4. Impacto das políticas educacionais: as políticas educacionais, tanto a nível local quanto nacional, têm um impacto significativo nas condições de trabalho dos professores. Mudanças no currículo, sistemas de avaliação, carga horária e remuneração podem afetar diretamente a saúde e o bem-estar dos docentes. As pesquisas nessa área buscam entender como as políticas educacionais influenciam as condições de trabalho dos professores e como elas podem ser reformuladas para melhor atender às necessidades dos profissionais da educação.

3.2 Abordagens das pesquisas acadêmico-científicas

Ao longo dos últimos anos, entre 2006 e 2023, as produções científicas têm lançado luz sobre a intersecção entre o trabalho docente e a saúde do professor. Esses estudos abordam uma variedade de temas relacionados ao bem-estar dos educadores, destacando os desafios enfrentados no ambiente escolar e os impactos desses desafios na saúde física, mental e emocional dos professores. Ao examinar o trabalho docente e sua relação com a saúde, os pesquisadores têm se dedicado a compreender os fatores que contribuem para o adoecimento e o sofrimento dos profissionais da educação, bem como as estratégias de prevenção e intervenção necessárias para promover ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis.

Uma das linhas de pesquisa prevalentes aborda as condições de trabalho nas instituições de ensino superior, como evidenciado nos estudos sobre a Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Federal de Minas Gerais. Essas pesquisas investigam os desafios específicos enfrentados pelos professores universitários, incluindo a carga de trabalho, as demandas acadêmicas e administrativas, e os efeitos desses fatores na saúde ocupacional dos docentes. Além disso, são analisadas as políticas institucionais e as práticas de gestão que impactam as condições de trabalho e o bem-estar dos professores.

Outro aspecto relevante é a precarização do trabalho docente e seus efeitos na saúde dos professores, tema abordado em estudos que exploram a realidade das redes municipais de ensino, como no caso do Recife, e também do ensino superior privado. Essas pesquisas investigam as consequências da flexibilização laboral, da terceirização e da redução de direitos trabalhistas na saúde física e mental dos professores, evidenciando os riscos de adoecimento e o aumento do sofrimento psíquico.

Além disso, estudos específicos têm se debruçado sobre a percepção de saúde e qualidade de vida dos professores, considerando aspectos como o perfil do ambiente de trabalho, as condições laborais e o suporte institucional. Essas pesquisas buscam identificar as associações entre esses fatores e a percepção subjetiva de bem-estar dos docentes, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde e qualidade de vida no contexto educacional.

Os resultados sintetizados podem ser observados nos **Quadros 1, 2 e 3**, os quais foram estruturados em eixos temáticos. O quadro 1 foca na sobrecarga de trabalho e no esgotamento físico e mental, destacando trabalhos que revelam as queixas físicas e psicológicas relacionadas à carga de trabalho excessiva e às condições de trabalho inadequadas. O quadro 2 é dedicado às pesquisas que investigaram a Síndrome de Burnout e outras doenças mentais, evidenciando os impactos severos do estresse crônico e das condições de trabalho sobre a saúde mental dos professores. O quadro 3, por sua vez, abrange as pesquisas que analisaram os problemas de saúde e doenças ocupacionais, incluindo problemas psíquicos, respiratórios, vocais e outras condições crônicas e agudas que afetam os docentes. Estes foram elaborados com o objetivo de condensar de maneira clara e sistemática as informações essenciais sobre as obras examinadas, incluindo detalhes sobre os títulos das obras, os autores, anos de publicação, os anúncios e denúncias

relacionadas à saúde dos professores e ao trabalho docente, bem como o curso ou programa acadêmico em que essas obras foram publicadas. Para a construção desses quadros, foram utilizados critérios que envolveram a seleção de artigos com foco específico nos temas de saúde do professor e trabalho docente, garantindo uma representação abrangente e diversificada das diferentes perspectivas e contextos abordados. Além disso, foi feita uma categorização detalhada dos anúncios, que incluem as doenças e fatores percebidos nos docentes, e das denúncias, que destacam as causas dessas condições, assegurando que todas as informações relevantes fossem incluídas de forma organizada e acessível. A sistematização desses dados permitiu uma análise comparativa e a identificação de padrões e tendências significativas no campo de estudo, contribuindo para uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados pelos professores e as implicações para sua saúde e bem-estar.

Antes de apresentar os quadros com os trabalhos encontrados, é relevante destacar que a pesquisa abrangeu um levantamento abrangente de 33 produções acadêmicas, das quais 1 é tese, 4 são dissertações e 28 artigos científicos. Esses trabalhos foram selecionados com base em critérios rigorosos de relevância e qualidade, abrangendo diferentes perspectivas e abordagens sobre a saúde dos professores e as condições de trabalho docente.

Quadro 1: Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando a sobrecarga de trabalho e o esgotamento físico e mental.
Organização: a autora (2024).

Título	Autores	Ano de publicação	Anúncios	Denúncias	Curso	Modalidade²
Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde	Gomes; Brito	2006	Sobrecarga de trabalho, mal estar, falta de ar, pressão baixa, tonturas, cansaço, esgotamento físico e mental	Aulas em diversas escolas, baixos salários, gastos com deslocamentos	Psicologia	A
Trabalho docente e saúde: estudo de caso realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica	Mota	2010	Desmotivação, adoecimento, absenteísmo, presenteísmo, abandono da profissão	Condições precárias no ambiente físico, biológico, condições de higiene, segurança e características	Pós-Graduação em Ciências Sociais	M

² A – Artigo; M – Mestrado; D – Doutorado.

de Minas Gerais				antropométricas do posto de trabalho		
Associação entre o perfil de ambiente e condições de trabalho com a percepção de saúde e qualidade de vida em professores de educação básica	Pereira <i>et al.</i>	2014	Esgotamento físico e mental, dores no corpo, problemas com a voz, alergias, dificuldades em função de alunos agressivos e de carga horária	Remuneração baixa, falta de oportunidades de lazer, ausência de benefícios de saúde	Ciências da Saúde e do Esporte	A
Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho	Forattini; Lucena	2015	Doenças respiratórias, sobrecarga física, doenças crônicas pelo mau uso da voz, problemas digestivos, fadiga mental, esquecimento, insônia, depressão, estresse	Tempo excessivo dedicado ao trabalho, falta de colaboração entre colegas de trabalho, competitividade e conflitos, isolamento depressivo, desigualdades, falta de reconhecimento, exposição ao pó de giz de lousa	Educação	A
Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento	Sanchez <i>et al.</i>	2019	Fadiga emocional e mental, ansiedade, estresse	Baixa remuneração, alta demanda de trabalho, carga horária extensa	Saúde Coletiva	A
Working conditions and mental health in a Brazilian university	Borges <i>et al.</i>	2023	Fadiga emocional e mental, ansiedade, estresse	Processos burocráticos, discriminação, alta demanda, violências, precariedade de materiais didáticos	Pós-Graduação em Psicologia	A
Trabalho docente em foco: relação entre as condições de trabalho e o adoecimento dos professores na Universidade Federal de Ouro Preto	Leite <i>et al.</i>	2008	Rinite, dores nas costas, alergia respiratória, dores na garganta e nas pernas, falta de ar, rouquidão, desgaste físico e emocional, estresse, depressão, nervosismo, fraqueza	Falta de estímulos, ruídos, alterações do sono, falta de perspectivas, mudanças constantes, falta de apoio, responsabilidade excessiva	Educação	A

Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

Um tema recorrente nestas pesquisas é a análise dos desafios enfrentados pelos educadores no exercício de suas funções, assim como as possibilidades de intervenção para mitigar os impactos negativos na sua saúde física e mental. Artigos como o de Gomes e Brito (2006) abordam os fatores que contribuem para o esgotamento profissional dos docentes, destacando as altas demandas emocionais, a sobrecarga de trabalho e a falta de reconhecimento como elementos-chave nesse processo.

Além disso, a pesquisa de Leite *et al.* (2008) concentra-se em examinar os efeitos diretos das condições laborais sobre a saúde dos professores, identificando padrões de adoecimento relacionados ao estresse crônico, à ansiedade e à depressão. Este estudo revela a urgência de medidas voltadas para a promoção de ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os docentes.

Não obstante, estudos de caso como de Mota (2010) oferecem *insights* detalhados sobre as experiências individuais dos professores e as dinâmicas institucionais que influenciam seu bem-estar.

Outra linha de estudo foca na associação entre o ambiente de trabalho e a percepção de saúde e qualidade de vida dos professores, como exemplificado no artigo de Pereira *et al.* (2014). Essa pesquisa destaca a importância das condições de trabalho, do apoio institucional e das relações interpessoais no ambiente escolar na promoção da saúde e bem-estar dos professores.

Além disso, o estudo de Forattini e Lucena (2015) explora as consequências da precarização do trabalho docente na saúde dos professores, destacando os efeitos negativos da instabilidade contratual, da falta de reconhecimento profissional e da sobrecarga de trabalho na saúde física e mental dos docentes.

Um outro ponto de interesse é o impacto da saúde na qualidade de vida e no trabalho dos docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento, conforme apontado por Sanchez *et al.* (2019). Esses estudos exploram como problemas de saúde física e mental afetam a vida profissional e pessoal dos professores universitários, incluindo sua produtividade acadêmica, satisfação no trabalho e relacionamentos interpessoais. Compreendendo esses impactos, os pesquisadores buscam desenvolver políticas e práticas que promovam a saúde e o bem-estar dos educadores em todas as áreas do conhecimento.

As condições de trabalho e a saúde mental em uma universidade brasileira também têm sido objeto de estudo em pesquisas recentes (Borges *et al.*, 2023). Esses estudos investigam os impactos das condições laborais, incluindo carga de trabalho, relacionamentos interpessoais e recursos institucionais, na saúde mental dos professores universitários.

3.2.1 Anúncios

Os estudos indicam uma gama abrangente de problemas de saúde enfrentados pelos professores. Entre os principais anúncios estão a sobrecarga de trabalho, mal-estar constante, falta de ar, pressão baixa, tonturas, cansaço extremo, e esgotamento físico e mental. A Síndrome de Burnout é um problema particularmente preocupante, manifestando-se em sintomas como irritabilidade, fadiga crônica, apatia, depressão e, em casos mais severos, levando ao abandono de carreira e problemas de saúde relacionados ao sofrimento extremo.

Adicionalmente, doenças físicas como rinite, dores nas costas, alergias respiratórias, dores na garganta e nas pernas, rouquidão, e desgaste físico e emocional são comuns. O estresse é um fator constante, resultando em ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, insônia, depressão, Lesão por Esforço Repetitivo (LER), tendinite e desmotivação. Essas condições frequentemente levam ao adoecimento, absenteísmo e presenteísmo, refletindo um quadro de profunda deterioração da saúde e da qualidade de vida dos professores.

3.2.2 Denúncias

Os fatores que contribuem para esses problemas de saúde são amplamente denunciados nas pesquisas. Entre as principais causas estão as aulas ministradas em diversas escolas, baixos salários e gastos com deslocamentos, que exacerbam a sobrecarga de trabalho e aumentam o estresse físico e emocional dos professores. A discriminação sexual, falta de autonomia, apoio institucional inadequado, ambiguidade de funções e falta de feedback construtivo de chefia e colegas de trabalho também são fatores críticos que contribuem para o desgaste dos docentes.

O descaso das políticas públicas em relação à saúde dos professores e as condições precárias de trabalho são amplamente denunciados. A alta demanda de

produtividade, a mercantilização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, e os processos de acumulação de capital, que posicionam a educação como uma ferramenta de adaptação à lógica capitalista de produção, são fatores que exacerbam o estresse e o burnout entre os docentes.

Além disso, a falta de estímulos, ruídos constantes, alterações no sono, falta de perspectivas e mudanças frequentes sem apoio adequado aumentam a pressão sobre os professores. As condições precárias do ambiente de trabalho, como má ventilação, umidade, temperatura inadequada, iluminação insuficiente e falta de equipamentos adequados, são denunciadas como fatores que agravam os problemas de saúde respiratória e física dos educadores. Controles rígidos e pressões para cumprimento de prazos, baixos salários, cobranças constantes, constrangimentos, sofrimentos e a ausência de reconhecimento por parte dos superiores hierárquicos também contribuem significativamente para o desânimo e o adoecimento dos professores.

As condições físicas, biológicas e de higiene inadequadas, juntamente com as características antropométricas desfavoráveis do posto de trabalho, são fatores que prejudicam a saúde dos docentes. A falta de tempo para a realização do trabalho, a burocratização excessiva, o conflito de papéis e a invasão do espaço privado dos professores também são destacados como causas de estresse e desgaste emocional.

As produções científicas supracitadas oferecem uma visão abrangente e aprofundada dos desafios enfrentados pelos professores no exercício de suas atividades e dos impactos desses desafios em sua saúde física e mental. Estas pesquisas destacam a necessidade premente de políticas e práticas que visem promover ambientes de trabalho mais saudáveis, reconhecendo e valorizando a contribuição fundamental dos professores para a sociedade.

Quadro 2: Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando a Síndrome de Burnout e outras doenças mentais.
Organização: a autora (2024).

Título	Autores	Ano de publicação	Anúncios	Denúncias	Curso	Modalidade³
Burnout: por que sofrem os professores?	Silva	2006	Síndrome de Burnout (irritabilidade,	Sobrecarga de trabalho, discriminação sexual, falta de autonomia e de	Pós-Graduação em Políticas Públicas e	A

³ A – Artigo; M – Mestrado; D – Doutorado.

			fadiga crônica, apatia, depressão)	apoio institucional, ambiguidade, falta de apoio e feedback de chefia e colegas de trabalho	Formação Humana	
Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor	Landini	2006	Síndrome de Burnout, desgaste emocional	Descaso das políticas públicas no que se refere à atenção à saúde dos docentes e condições precárias de trabalho	Educação	A
A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos	Bosi	2007	Enfermidades relacionadas à saúde mental	Alta demanda de produtividade (escritas de artigos, orientações e outros), mercantilização das atividades de ensino, pesquisa e extensão	História	A
Sofrimento mental relacionado ao trabalho docente	Pereira	2012	Síndrome de Burnout (exaustão emocional, despersonalização, perda de realização profissional)	Falta de tempo para realização do trabalho, burocratização, conflito de papéis, exigências acadêmicas, invasão do espaço privado, preocupação da escola com desempenho acadêmico sem valorizar a qualidade de vida do professor	Pós-Graduação em Serviço Social	A
Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de	Borsoi	2012	Síndrome de Burnout, dores por esforço vocal, desestímulo, insatisfação, desânimo, frustração	Excesso de burocracia, acúmulo de atividades, entraves burocráticos, instituição engessada,	Pós-Graduação em Ciências Sociais	A

Ensino Superior				pressão por produtividade, metas impossíveis de se cumprir		
No centro do debate: a saúde e o trabalho de professores	Batista; Andrade	2012	Síndrome de Burnout, cansaço físico, ansiedade, depressão, absenteísmo	Excesso de burocracia, falta de investimentos na educação, salários baixos, salas de aula sem critério ergonômico	Educação	A
Trabalho docente e saúde autopercebida das professoras dos Centros de Ensino de Educação Especial do Maranhão	Lázaro	2013	Síndrome de Burnout, aspectos emocionais envolvendo ansiedade, depressão, estresse	Excesso de burocracia, organização precária de trabalho	Educação	M
Da precarização do trabalho docente no Brasil e o processo de reestruturação produtiva	Oliveira; Pires	2014	Síndrome de Burnout, estresse, depressão, síndrome do pânico, dores nas costas, laringite, faringite, LER, distúrbios osteomusculares	Falta de infraestrutura e de materiais didáticos, falta de proteção ao docente no local de trabalho	Direito	A
A precarização do trabalho docente e seus efeitos na saúde dos professores da Rede Municipal de Ensino do Recife	Mendes	2015	Síndrome de Burnout	Carga horária excessiva, estrutura precária das salas de aula, mau uso da voz, ausência de local de descanso	Pós-Graduação em Educação	A
Agravos à Saúde do Professor Relacionados ao Trabalho: Revisão de Literatura	Marchetti <i>et al.</i>	2016	Síndrome de Burnout, laringite, faringite, alergias, cefaleia, déficit na qualidade de vida, transtornos mentais, estresse, depressão	Carga horária excessiva, salários inadequados, condições precárias de trabalho, falta de políticas institucionais	Enfermagem	A
Síndrome de <i>burnout</i> e valores humanos em professores da rede pública estadual da	Souza <i>et al.</i>	2016	Síndrome de Burnout (exaustão mental)	Falta de tempo para realização do trabalho, burocratização, conflito de papéis, exigências	Psicologia Aplicada	A

cidade de João Pessoa: um estudo correlacional				acadêmicas, invasão do espaço privado, preocupação da escola com desempenho acadêmico sem valorizar a qualidade de vida do professor		
Saúde Mental e Trabalho Docente	Moreira; Rodrigues	2018	Síndrome de Burnout, transtornos mentais, neoplasias, lesões	Sobrecarga de trabalho, precariedade das condições estruturais das escolas, violência, situações de abuso	Psicologia	A
Burnout in education: Precarization and its repercussions on the health of public school teachers	Gomez; Klautau	2021	Síndrome de Burnout	Precarização no cotidiano escolar, falta de amparo e investimento, sentimentos de menos valia, instabilidades	Psicologia	A
Burnout and Long-term Sickness Absence From the Teaching Function: A Cohort Study	Salvagioni <i>et al.</i>	2022	Síndrome de Burnout	Violência sofrida nas escolas, má relação interpessoal, jornada extensa de trabalho, baixa remuneração	Saúde Pública	A

Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

A pesquisa de Silva (2006) aborda os fatores que contribuem para a Síndrome de Burnout dos docentes, destacando as altas demandas emocionais, a sobrecarga de trabalho e a falta de reconhecimento como elementos-chave nesse processo.

Por sua vez, estudos como o de Landini (2006) e Bosi (2007) investigam as políticas educacionais e as transformações no cenário sócio-econômico que têm impactado as condições de trabalho dos professores. A crescente precarização do trabalho docente, evidenciada pela deterioração das condições de trabalho e pela diminuição dos investimentos na educação, emerge como um fator significativo que contribui para o adoecimento dos profissionais do ensino.

Outras pesquisas, como a de Borsoi (2012), concentram-se em analisar os efeitos do produtivismo acadêmico sobre a saúde e o modo de vida dos professores universitários. A competição por publicações, projetos de pesquisa e financiamento tem gerado altos níveis de estresse e ansiedade entre os docentes, impactando sua qualidade de vida e bem-estar.

Não obstante, tem-se que os estudos de Batista e Andrade (2012) e Lázaro (2013) destacam a importância de considerar a autopercepção dos professores sobre sua saúde e bem-estar no ambiente de trabalho. Esses estudos revelam que as condições de trabalho e o apoio institucional têm um impacto significativo na saúde percebida pelos docentes.

A pesquisa de Oliveira e Pires (2014) explora as complexas dinâmicas de prazer e sofrimento no trabalho docente. Tal estudo destaca a importância de compreender as emoções e experiências dos professores no ambiente de trabalho para promover intervenções eficazes em prol da saúde e do bem-estar da comunidade escolar. Além disso, enfatiza a urgência de políticas e práticas que visem promover ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os docentes, reconhecendo e valorizando sua contribuição fundamental para a educação.

Artigos como o de Pereira (2012) investigam os fatores que contribuem para o adoecimento mental dos professores, como a sobrecarga de trabalho, a falta de suporte institucional e as condições precárias de trabalho.

Além disso, há um estudo que explora as consequências da precarização do trabalho docente na saúde dos professores, como observado no trabalho de Mendes (2015). Essa pesquisa destaca os efeitos negativos da instabilidade contratual, da falta de reconhecimento profissional e da sobrecarga de trabalho na saúde física e mental dos docentes.

Entre as temáticas abordadas nesse período, destaca-se a revisão de Marchetti *et al.* (2016). Esses estudos compilam evidências sobre os principais fatores que contribuem para o adoecimento dos educadores, incluindo sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento e apoio institucional inadequado.

Um outro ponto relevante é a investigação da Síndrome de Burnout e seus correlatos com os valores humanos entre os professores da rede pública estadual de João Pessoa, realizado por Souza *et al.* (2016). Esse estudo correlacional busca compreender como aspectos como a valorização profissional, o senso de propósito e a qualidade das relações interpessoais influenciam a ocorrência do burnout entre os

docentes. Ao examinar essa relação, os pesquisadores buscam identificar estratégias eficazes para prevenir e lidar com o esgotamento profissional na educação.

Outra área de pesquisa relevante é a saúde mental e o trabalho docente, trabalhada no artigo de Moreira e Rodrigues (2018). Estudos nesta temática investigam os impactos do estresse, da ansiedade e da depressão na saúde dos professores, bem como os fatores que contribuem para esses problemas, como a sobrecarga de trabalho, a falta de reconhecimento e o conflito interpessoal. Ao compreender as complexas interações entre saúde mental e trabalho, os pesquisadores buscam desenvolver intervenções e políticas que promovam o bem-estar dos educadores.

Outra temática de estudo que emergiu no período de estudo é o burnout na educação, com pesquisas que exploram os impactos da precarização do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da rede pública, como o de Gomez e Klautau (2021). Esses estudos investigam como a falta de recursos adequados, a sobrecarga de trabalho e a pressão por resultados contribuem para o esgotamento profissional dos educadores, levando a problemas de saúde física e mental.

Não obstante, a relação entre burnout e afastamento prolongado por doença no exercício da função docente também tem sido objeto de pesquisa (Salvagioni *et al.*, 2022). O estudo examinou os fatores que contribuem para o burnout e sua associação com o afastamento de longo prazo dos professores, identificando estratégias para prevenir o esgotamento profissional e reduzir o impacto negativo na saúde e no bem-estar dos educadores.

3.2.3. Anúncios

Os estudos recentes indicam uma ampla gama de problemas de saúde enfrentados pelos professores. Entre os principais anúncios estão a gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome de Burnout. Estes problemas refletem um cenário alarmante de desgaste físico e mental que afeta os docentes em suas atividades diárias.

Além disso, os problemas psíquicos, respiratórios e vocais também são prevalentes. O estresse, a ansiedade, dores, cansaço e nervosismo são sintomas comuns entre os professores, indicando uma constante sobrecarga emocional. Doenças psíquicas como estresse, ansiedade e depressão, bem como condições

físicas como dores nas costas, laringite, faringite, LER e distúrbios osteomusculares, têm sido frequentemente reportadas.

A angústia, a instabilidade emocional e doenças musculares e cardíacas também figuram entre os anúncios dos estudos. Hipertensão, depressão, gastrite, insônia, labirintite, diabetes, câncer, frustração e solidão são problemas de saúde que emergem do ambiente de trabalho dos professores, refletindo um cenário de esgotamento físico e mental. Problemas com a voz, alergias e dificuldades decorrentes de alunos agressivos e da carga horária excessiva são questões que também afetam significativamente a saúde dos educadores.

3.2.4. Denúncias

Os fatores que contribuem para esses problemas de saúde são amplamente denunciados nas pesquisas. Entre as principais causas estão a carência de tempo suficiente para realizar um trabalho de qualidade, dificuldades dos alunos, aumento da carga horária e trabalho burocrático, além de uma descrença geral no ensino. Alunos com comportamento agressivo, violação de regras, déficit de atenção, hiperatividade, ansiedade e depressão, bem como queixas somáticas, agravam o estresse dos professores.

Outro ponto crítico é a falta de infraestrutura e de materiais didáticos adequados, além da falta de proteção ao docente no local de trabalho. A alta demanda de produtividade, a competição exacerbada, o produtivismo, o assédio moral, a sobrecarga e o ranqueamento dos professores contribuem para um ambiente de trabalho hostil. A redução do tempo disponível para atividades pessoais e o acúmulo de atividades resultam em extensas jornadas de trabalho e isolamento social, além da perda de reconhecimento profissional e pouca autonomia.

A remuneração baixa, a falta de oportunidades de lazer e a ausência de benefícios de saúde são fatores que agravam o quadro. O tempo excessivo dedicado ao trabalho, a falta de colaboração entre colegas, a competitividade e os conflitos, além do isolamento depressivo, desigualdades e falta de reconhecimento, são questões que contribuem significativamente para o adoecimento dos professores. A exposição ao pó de giz de lousa, a carga horária excessiva, a estrutura precária das salas de aula e o mau uso da voz, bem como a ausência de local de descanso, são condições que exacerbam os problemas de saúde.

Quadro 3: Produções acadêmico-científicas encontradas nas bases de dados acerca da saúde do professor, de 2006 a 2023, evidenciando problemas de saúde e doenças ocupacionais. Organização: a autora (2024).

Título	Autores	Ano de publicação	Anúncios	Denúncias	Curso	Modalidade⁴
Trabalho docente, precarização e quadros de adoecimento	Landini	2008	Abandono de carreira e problemas de saúde relacionados ao sofrimento extremo	Processos de acumulação do capital, onde a educação se localiza na formação de indivíduos adaptados à lógica capitalista de produção	Educação	A
Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a	Lim; Lima-Filho	2009	Cansaço mental, estresse, ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, insônia, depressão, Lesão por Esforço Repetitivo (LER), tendinite, dores nas costas, alergias	Condições precárias com ruído, má ventilação, umidade, temperatura, iluminação, falta de equipamentos para o desenvolvimento do trabalho, quadros de giz que desencadeiam alergias respiratórias	Ciências Humanas e Sociais	A
Trabalho docente no ensino superior: análise das condições de saúde e de trabalho em instituições privadas do Estado do Maranhão	Léda	2009	Doenças mentais como desgaste emocional, depressão, ansiedade, nervosismo, irritabilidade	Controles e pressões no cumprimento de prazos, salários baixos, cobranças, constrangimentos, sofrimentos, dores, ausência de democracia e de reconhecimento por parte dos superiores hierárquicos, sobrecarga de trabalho, desânimo	Pós-Graduação em Psicologia Social	D
Trabalho docente, carreira doente: a privatização, a lógica	Guarany	2012	Prejuízos à saúde mental, como exaustão, desgaste, depressão	Alta demanda de produtividade, privatização e mercantilização do trabalho docente	Pós-Graduação em Serviço Social	A

⁴ A – Artigo; M – Mestrado; D – Doutorado.

produtivista e a mercantilização na e da educação e seus efeitos sobre os docentes						
Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública	Vilela <i>et al.</i>	2013	Gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse, síndrome de Burnout	Carência de tempo suficiente para realizar um trabalho decente, dificuldades dos alunos, aumento da carga horária, trabalho burocrático, descrença no ensino	Administração	A
Sufrimento psíquico e trabalho docente – implicações na detecção de problemas de comportamento em alunos	Lyra <i>et al.</i>	2013	Problemas psíquicos, respiratórios, vocais, estresse, ansiedade, dor cansaço, estresse, nervosismo	Alunos com comportamento agressivo violação de regras, déficit de atenção, hiperatividade, ansiedade, depressão, queixas somáticas	Psicologia	A
Precarização do trabalho docente e os impactos na saúde – o professor no seu limite	Lemos	2014	Doenças psíquicas envolvendo estresse, ansiedade, depressão	Autonomia não exercida por estar submetido a controles internos e externos do sistema meritocrático	Educação	A
Trabalho docente e saúde ocupacional na Universidade Federal de Uberlândia	Andrade	2014	Laringite, depressão, angústia, ansiedade, estresse	Alta demanda de produtividade, competição, produtivismo, assédio moral, sobrecarga, ranqueamento, redução de tempo	Pós-Graduação em Educação	M
Trabalho Docente no Ensino Superior e saúde de professores: estado do conhecimento em teses e dissertações da UFMG	Carneiro	2014	Angústia, instabilidade emocional, doenças musculares e cardíacas, estresse, hipertensão, depressão, gastrite, insônia, labirintite, diabetes, câncer, frustração, solidão	Acúmulo de atividades, extensa jornada de trabalho, isolamento social, mais de um turno de trabalho, perda de reconhecimento profissional, pouca autonomia, preocupação excessiva, sobrecarga de trabalho	Pós-Graduação em Educação	M

Ensino Superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública	Tundis; Monteiro	2018	Esgotamento físico e emocional	Sobrecarga de trabalho, precariedade nas condições de trabalho, dificuldades de relacionamento socioprofissional	Educação	A
Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil	Assunção; Abreu	2019	Doenças ocupacionais e mentais	Jornada extensa de trabalho, falta de apoio social, indisciplina dos alunos, ruídos	Medicina Preventiva e Social	A
Análise da qualidade de vida de professores de educação física escolar	Machado <i>et al.</i>	2023	Estresse, depressão, ansiedade, doenças cardiopulmonares e metabólicas	Baixa remuneração, acúmulo de funções, condições de trabalho e carga horária excessiva	Enfermagem	A

Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

O estudo de Landini (2008) concentrou-se em examinar os efeitos diretos das condições laborais sobre a saúde dos professores, identificando padrões de adoecimento relacionados ao estresse crônico, à ansiedade e à depressão, revelando a urgência de medidas voltadas para a promoção de ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os docentes.

Ainda, investigações, como de Lim e Lima-Filho (2009) e Léda (2009), ampliam o foco para o contexto específico do ensino superior, analisando as particularidades das condições de trabalho e de saúde dos professores universitários.

Além disso, o estudo de Guarany (2012) aborda as consequências da privatização e da mercantilização da educação sobre a carreira dos professores. A crescente pressão por produtividade e resultados quantificáveis tem gerado um ambiente de trabalho cada vez mais estressante e desgastante para os docentes, afetando negativamente sua saúde física e mental.

As pesquisas de Vilela *et al.* (2013), Lyra *et al.* (2013) e Lemos (2014) exploram as complexas dinâmicas de prazer e sofrimento no trabalho docente, destacando a importância de compreender as emoções e experiências dos professores no ambiente de trabalho para promover intervenções eficazes em prol da saúde e do bem-estar da comunidade escolar, e enfatizando a urgência de políticas e práticas que visem

promover ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os docentes, reconhecendo e valorizando sua contribuição fundamental para a educação.

Uma das linhas de estudo encontrada concentra-se na investigação das condições de trabalho e saúde ocupacional dos professores em instituições específicas, como evidenciado nos artigos de Andrade (2014) e Caneiro (2014). Essas pesquisas abordam as demandas e os desafios enfrentados pelos docentes no contexto universitário, analisando os impactos dessas demandas em sua saúde física e mental.

Uma área significativa de pesquisa tem se concentrado nas condições de trabalho nas instituições de ensino superior, como evidenciado nos estudos sobre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essas pesquisas exploram os desafios específicos enfrentados pelos professores universitários, incluindo a carga de trabalho, as exigências acadêmicas e administrativas, e os efeitos desses fatores na saúde ocupacional dos docentes. Além disso, são examinadas as políticas institucionais e as práticas de gestão que afetam as condições de trabalho e o bem-estar dos professores.

Outro aspecto relevante é a crescente precarização do trabalho docente, que abrange desde a instabilidade contratual até a falta de infraestrutura e recursos adequados para o exercício da profissão. Esses estudos investigam os impactos da terceirização, da flexibilização laboral e da redução dos direitos trabalhistas na saúde física e mental dos professores, destacando os riscos de adoecimento e o aumento do sofrimento psíquico.

Além disso, as condições de trabalho nas diferentes esferas educacionais têm sido objeto de pesquisa, incluindo tanto o ensino superior quanto a educação básica. Esses estudos buscam entender as particularidades dos ambientes de trabalho e as demandas específicas enfrentadas pelos professores em cada contexto, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções adaptadas às necessidades de cada grupo profissional.

Além disso, a pesquisa de sobre o mal-estar docente tem sido uma área de interesse crescente nos últimos anos. Estudos nessa linha investigam as diferentes dimensões do mal-estar experimentado pelos professores nos dias atuais, incluindo o impacto das transformações sociais, políticas e econômicas na saúde e no bem-estar dos educadores. Essas pesquisas buscam ampliar a compreensão sobre as causas e as consequências do mal-estar docente, fornecendo subsídios para a formulação de

políticas e práticas que promovam ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os professores.

Outro tema relevante é o trabalho, o produtivismo e o adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. Esses estudos analisam as pressões e demandas enfrentadas pelos professores universitários, incluindo a competição por financiamento, a exigência por produtividade acadêmica e a sobrecarga de responsabilidades administrativas. Ao investigar os impactos desses fatores na saúde dos docentes, os pesquisadores buscam identificar estratégias para promover uma cultura institucional mais saudável e sustentável no contexto universitário.

Além disso, há estudos que exploram os riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. Essas pesquisas investigam os fatores de estresse e as condições de trabalho que podem predispor os docentes ao desenvolvimento do burnout, como sobrecarga de trabalho, falta de autonomia e conflitos interpessoais. Ao compreender esses fatores de risco, os pesquisadores buscam desenvolver estratégias de prevenção e intervenção para proteger a saúde mental dos professores universitários.

Uma das temáticas exploradas no período é o estudo de Tundis e Monteiro (2018), realizado em uma universidade pública. Esse estudo analisou os fatores específicos que contribuem para o adoecimento dos professores universitários, incluindo a sobrecarga de trabalho, as exigências acadêmicas e administrativas, e a pressão por produtividade e publicações. Ao examinar esses aspectos, os pesquisadores buscam identificar estratégias para promover ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis no contexto universitário.

Além disso, a pressão laboral e as condições de trabalho dos professores da Educação Básica têm sido objeto de estudo em várias pesquisas realizadas no Brasil, como no de Assunção e Abreu (2019). Esse estudo investigou os desafios enfrentados pelos professores no ambiente escolar, incluindo a falta de recursos adequados, a violência na escola e a carga horária excessiva. Ao examinar esses fatores, os pesquisadores buscam identificar estratégias para melhorar as condições de trabalho e promover a saúde dos professores da Educação Básica.

Outra área de estudo relevante é a análise da qualidade de vida dos professores de educação física escolar, conforme realizado por Machado *et al.* (2023). Pesquisas nessa temática exploram os determinantes da qualidade de vida dos professores, incluindo aspectos relacionados ao ambiente de trabalho, suporte

institucional e satisfação profissional. Ao compreender os fatores que influenciam a qualidade de vida dos educadores, os pesquisadores buscam identificar estratégias para promover um ambiente de trabalho mais saudável e satisfatório para os professores de educação física.

3.2.5. Anúncios

Um dos principais anúncios é a Síndrome de Burnout, que se manifesta por meio de exaustão mental e emocional, levando ao esgotamento físico. Esta condição é frequentemente acompanhada por outros problemas de saúde, como laringite, faringite, alergias e cefaleia, que comprometem a qualidade de vida dos professores.

Transtornos mentais como estresse, depressão, ansiedade e perda de vitalidade também são comuns. Muitos professores relatam uma profunda tristeza, desgaste mental, angústia, preocupação e nervosismo, além de tensão e frustração constante. As condições físicas também são afetadas, com relatos frequentes de fadiga, dores nas costas, prejuízo vocal, hipertensão e problemas cardiovasculares.

A prevalência de doenças ocupacionais e mentais é alarmante. Além da Síndrome de Burnout, os professores sofrem com lesões, neoplasias, dores na região lombar, torácica, pescoço e ombros. A tensão, ansiedade e depressão são sintomas recorrentes, assim como o estresse crônico, que muitas vezes resulta em doenças cardiopulmonares e metabólicas. A fadiga emocional e mental é outra condição amplamente relatada, agravada pela carga de trabalho e pelas pressões do ambiente educacional.

3.2.6. Denúncias

As causas subjacentes a esses problemas de saúde são amplamente denunciadas nas pesquisas. Um dos principais fatores é a carga horária excessiva, que, juntamente com salários inadequados e condições precárias de trabalho, cria um ambiente extremamente desfavorável para os docentes. A falta de políticas institucionais adequadas agrava ainda mais a situação, resultando em um ciclo de estresse e desgaste contínuo.

A burocratização do trabalho, o conflito de papéis, as exigências acadêmicas e a invasão do espaço privado são outros fatores críticos. As escolas frequentemente

priorizam o desempenho acadêmico sem considerar a qualidade de vida dos professores, resultando em jornadas de trabalho extensas e ritmo acelerado, com metas impossíveis de serem cumpridas. Essa sobrecarga de trabalho, aliada à privação do convívio familiar e das horas de lazer, intensifica o desgaste físico e emocional dos docentes.

As mudanças ocorridas nas universidades e as responsabilidades excessivas impostas aos professores também são denunciadas como causas de estresse e Burnout. A precariedade nas condições de trabalho, as dificuldades de relacionamento socioprofissional e a violência nas escolas são fatores que contribuem significativamente para o adoecimento dos docentes. A falta de apoio social e a indisciplina dos alunos, juntamente com o intenso barulho e a vulnerabilidade emocional das crianças de creche, agravam ainda mais a situação.

A baixa remuneração, a alta demanda de trabalho e a carga horária extensa são problemas recorrentes. A precarização no cotidiano escolar, a falta de amparo e investimento, e os sentimentos de menos valia e instabilidade são fatores que afetam profundamente a saúde dos professores. A violência sofrida nas escolas, as más relações interpessoais e os processos burocráticos, aliados à discriminação e à alta demanda de trabalho, completam o quadro de denúncias revelado pelas pesquisas.

Em resumo, as produções científicas dos últimos anos oferecem uma visão abrangente e atualizada dos desafios enfrentados pelos professores em relação à sua saúde no ambiente de trabalho. Ao investigar temas como burnout, afastamento por doença, qualidade de vida e condições de trabalho, esses estudos fornecem insights valiosos para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovam ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os educadores.

3.3 Principais doenças detectadas nas pesquisas acadêmico-científicas

A análise das pesquisas acadêmico-científicas sobre a saúde do professor revela uma variedade de doenças que afetam os educadores em seu ambiente de trabalho. Dentre os estudos selecionados, aproximadamente 46,43% deles evidenciaram a incidência da exaustão física e mental dos docentes, mais conhecida como síndrome de burnout. Esse esgotamento profissional é resultado da sobrecarga de trabalho, pressão por resultados e falta de suporte institucional, e pode ter sérias consequências para a saúde mental e física dos professores.

Além da síndrome de burnout, cerca de 25% dos trabalhos trataram sobre doenças relacionadas ao estado psíquico dos docentes, tais como depressão, ansiedade e nervosismo. Essas condições psicológicas podem surgir devido ao estresse crônico no ambiente escolar, conflitos interpessoais, e até mesmo pela falta de reconhecimento e valorização do trabalho dos professores. A pressão constante por resultados e o ambiente desafiador da sala de aula contribuem para o agravamento desses problemas de saúde mental. Assim sendo, o ambiente escolar pode ser um gatilho para esses transtornos, especialmente quando os professores se deparam com demandas excessivas, conflitos interpessoais, e a sensação de falta de controle sobre seu trabalho. A ansiedade e a depressão podem prejudicar a capacidade do professor de desempenhar suas funções adequadamente, afetando o clima da sala de aula e o aprendizado dos alunos.

O restante dos estudos, cerca de 28,57%, abordaram doenças físicas que acometem os professores. Entre elas, destacam-se problemas na voz em razão do mau uso, mal-estar físico, dores e irritação nos olhos, costas, pernas e braços, cefaleia e enxaqueca constantes, LER, disfonia, doenças respiratórias pelo uso de giz, insônia, entre outros. Essas condições são frequentemente relacionadas às demandas físicas do trabalho docente, como permanecer em pé por longos períodos, levantar e carregar materiais pesados, além do uso contínuo de equipamentos e materiais didáticos que podem ser prejudiciais à saúde.

Ainda sobre as doenças físicas, tem-se aquelas relacionadas ao estresse crônico, como hipertensão, problemas cardíacos e distúrbios gastrointestinais. A sobrecarga de trabalho, a falta de tempo para autocuidado e a exposição a ambientes estressantes podem aumentar o risco dessas condições entre os professores. Além disso, lesões musculoesqueléticas, como dores nas costas e tendinites, são comuns devido à postura prolongada, movimentos repetitivos e levantamento de objetos pesados durante o trabalho.

Outras doenças abordadas nessas pesquisas incluem problemas respiratórios, alergias e infecções, muitas vezes relacionadas às condições ambientais das escolas, como a qualidade do ar, a presença de substâncias tóxicas e a falta de higiene adequada. Em conjunto, essas doenças e condições de saúde refletem os desafios enfrentados pelos professores no ambiente de trabalho e a importância de promover estratégias de prevenção e intervenção para garantir sua saúde e bem-estar.

As temáticas exploradas nessas produções científicas revelam uma preocupação constante com as condições laborais, as políticas educacionais e os aspectos psicossociais do trabalho docente. A precarização do trabalho, a sobrecarga de responsabilidades e a falta de suporte institucional emergem como fatores cruciais que contribuem para o adoecimento e o sofrimento dos professores. Além disso, a percepção de saúde e qualidade de vida dos educadores é objeto de investigação, destacando a importância de considerar não apenas os aspectos objetivos do ambiente de trabalho, mas também as experiências subjetivas dos professores.

No que diz respeito às doenças e condições de saúde abordadas nessas pesquisas, fica claro que o trabalho docente pode estar associado a uma série de problemas físicos e mentais. Desde o burnout e a ansiedade até problemas musculoesqueléticos e doenças respiratórias, os estudos revelam os riscos à saúde enfrentados pelos professores no exercício de suas atividades. Essas doenças não apenas impactam o bem-estar dos educadores, mas também podem comprometer a qualidade do ensino e o ambiente escolar como um todo.

Os estudos de Gomez e Klautau (2021) e Machado *et al.* (2023), por exemplo, destacaram que a Síndrome de Burnout é uma realidade presente na vida dos professores, impactando negativamente sua qualidade de vida. O estudo observacional analítico de corte transversal na região carioca identificou índices alarmantes de esgotamento profissional, evidenciando a urgência de intervenções para preservar a saúde mental dos educadores. A revisão bibliográfica sobre Burnout na educação e precarização do trabalho docente também corroborou essas descobertas, ressaltando a relação direta entre a exaustão dos professores e a precarização das condições laborais.

Além disso, a relação entre Burnout e afastamento prolongado por doença no exercício da função docente tem sido objeto de estudo. Pesquisas longitudinais investigam os fatores que influenciam o desenvolvimento do burnout e sua associação com o afastamento prolongado dos professores. Ao analisar essas correlações, os pesquisadores buscam identificar estratégias preventivas para evitar o esgotamento profissional e minimizar o impacto negativo na saúde e no bem-estar dos educadores.

Sob a mesma ótica, os trabalhos de Oliveira *et al.* (2017), Assunção e Abreu (2019) e Borges *et al.* (2023), realizados em universidades e sobre as condições de trabalho docente, revelaram resultados similares. O questionário sobre a pressão no trabalho docente, estado de saúde e condições de trabalho enfatizou a presença

marcante da Síndrome de Burnout, indicando que a intensificação das demandas laborais contribui significativamente para o esgotamento dos professores. Além disso, a revisão bibliográfica sobre as modalidades de adoecimento e sintomas que acometem os docentes universitários do ensino público de Minas Gerais evidenciou a complexidade das manifestações da síndrome e seus impactos multifacetados na saúde desses profissionais.

O estudo de Salvagioni *et al.* (2022), que focou na aplicação de questionários sobre burnout e absenteísmo de professores, corroborou as conclusões das demais localidades. A Síndrome de Burnout foi identificada como um fator determinante tanto para o esgotamento profissional quanto para as frequentes ausências dos docentes, sinalizando a necessidade urgente de estratégias de prevenção e suporte.

Em Goiás, a pesquisa de Sanchez *et al.* (2019), que aplicou questionários sociodemográficos sobre a qualidade de vida e qualidade de vida profissional dos docentes universitários também apontou para a síndrome de burnout como uma questão premente. A análise detalhada desses questionários revelou a relação intrínseca entre a qualidade de vida no trabalho e a incidência da síndrome, evidenciando a necessidade de abordagens holísticas para promover o bem-estar dos educadores.

Essa prevalência constante da Síndrome de Burnout nas pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil ressalta a importância de medidas efetivas para prevenir e enfrentar esse desafio. A exaustão física e mental dos professores não é apenas uma ameaça à saúde individual, mas também afeta diretamente a qualidade do ensino e o ambiente educacional como um todo. A implementação de políticas de apoio à saúde mental, a promoção de ambientes de trabalho saudáveis e estratégias de gerenciamento de estresse tornam-se imperativas para salvaguardar a saúde e o bem-estar dos docentes, contribuindo para a construção de uma educação mais sustentável e resiliente.

Outra área de interesse é a avaliação dos impactos das condições de trabalho na saúde mental dos professores de educação física escolar. Estudos nessa linha investigam como a sobrecarga de trabalho, o ambiente escolar estressante e a falta de suporte institucional podem contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Essas pesquisas buscam identificar medidas para promover um ambiente de trabalho mais saudável e apoiar a saúde mental dos professores de educação física.

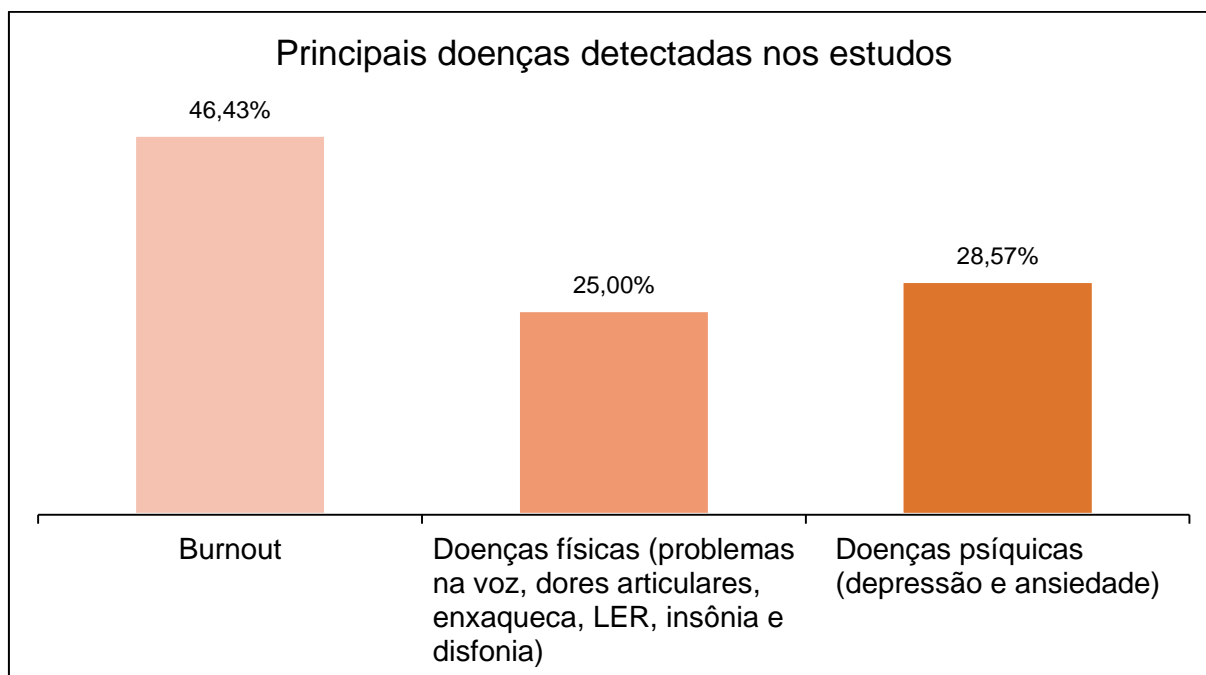
Ao concluir esta análise das produções científicas dos anos de 2016 a 2023 sobre o trabalho docente e a saúde do professor, torna-se evidente a significativa amplitude e relevância das temáticas exploradas neste período. Os estudos realizados ofereceram uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos desafios enfrentados pelos professores no exercício de suas funções e dos impactos desses desafios em sua saúde física, mental e emocional. Desde a investigação sobre o burnout na educação até a análise das condições de trabalho e seus efeitos na saúde mental dos docentes, as pesquisas refletem a complexidade e a importância das questões que permeiam a vida profissional dos educadores.

As abordagens adotadas nesses estudos revelam uma preocupação constante com as condições laborais, os fatores de estresse e as implicações para a saúde dos professores. O Burnout na educação emergiu como um tema central, destacando os efeitos da sobrecarga de trabalho, da pressão por resultados e da falta de recursos adequados no esgotamento profissional dos educadores. Além disso, a relação entre as condições de trabalho e a saúde mental dos professores foi objeto de investigação, evidenciando os riscos de ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental associados a ambientes laborais estressantes e pouco favoráveis.

No que diz respeito às doenças abordadas nessas pesquisas, fica claro que o trabalho docente está associado a uma série de problemas de saúde física e mental. O Burnout, ansiedade, depressão e outros distúrbios psicológicos emergiram como questões críticas a serem abordadas, juntamente com problemas físicos como tensão muscular, dores nas costas e distúrbios relacionados ao estresse. Essas condições não apenas afetam o bem-estar dos professores, mas também têm o potencial de prejudicar o desempenho profissional e a qualidade da educação oferecida aos alunos.

Essa diversidade de doenças que afetam os professores destaca a complexidade do ambiente de trabalho na educação e a necessidade de abordagens integradas para promover a saúde e o bem-estar desses profissionais (**Figura 3**). Estratégias de prevenção e intervenção devem considerar tanto os aspectos físicos quanto os psicológicos do trabalho docente, visando criar ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis. A implementação de programas de promoção da saúde, acompanhamento psicológico, incentivo à prática de atividades físicas e ações para redução do estresse são fundamentais para mitigar os impactos dessas doenças e garantir a qualidade de vida dos professores.

Figura 3: Principais doenças que acometem os docentes, de acordo com as produções acadêmico-científicas acerca da saúde do professor no contexto docente, de 2006 a 2023. Organização: a autora (2024).



Fonte: bases de dados TEDE (Banco de Teses e Dissertações da CAPES), SciELO, Scopus, PubMed e Web of Science.

Em suma, as produções científicas dos anos de 2006 a 2023 oferecem uma base sólida para o desenvolvimento de políticas e práticas que visem promover ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para os professores. Ao reconhecer e abordar os desafios enfrentados pelos educadores, podemos trabalhar para garantir não apenas a saúde e o bem-estar dos professores, mas também a qualidade da educação oferecida às futuras gerações.

No presente capítulo de análise das obras examinadas, a primeira etapa consistiu na separação dos textos para a análise do conteúdo. Essa seleção foi realizada com base em critérios específicos que incluíam a relevância dos temas abordados, a representatividade dos diferentes contextos educacionais e a diversidade dos autores e instituições. Os textos foram organizados em categorias que refletiam os principais eixos de investigação: títulos das obras, autores, anos de publicação, anúncios e denúncias sobre a saúde dos professores e o trabalho docente, além do curso ou programa acadêmico responsável pela publicação.

A análise revelou temas recorrentes e emergentes nas obras examinadas. Entre os anúncios, as doenças e fatores percebidos nos docentes incluíam Síndrome de Burnout, estresse, depressão, ansiedade, esgotamento físico e mental, além de

condições como laringite, faringite, alergias e dores musculares. Notou-se um aumento significativo na incidência de doenças mentais e emocionais, refletindo uma intensificação das demandas e pressões sobre os professores. Além disso, surgiram novos relatos de doenças como a hipertensão e problemas cardiovasculares, indicando uma deterioração geral na saúde dos docentes em função das condições de trabalho.

As denúncias nas obras foram igualmente contundentes. Entre as causas apontadas para os problemas de saúde dos professores estavam a carga horária excessiva, salários inadequados, condições precárias de trabalho, falta de políticas institucionais de suporte, alta demanda de produtividade, burocratização excessiva e a falta de infraestrutura adequada. Essas denúncias destacaram a precarização do trabalho docente, evidenciada pelo acúmulo de funções, sobrecarga de trabalho, relações profissionais conflituosas e a invasão do espaço privado dos docentes por exigências laborais.

A análise das obras também permitiu relacionar os achados com os conceitos de trabalho discutidos por Marx, Saviani e Kuenzer. Marx, em sua teoria do trabalho, destacou a alienação e exploração dos trabalhadores no sistema capitalista, conceitos que se aplicam claramente à situação dos professores, que enfrentam condições de trabalho cada vez mais precárias e desumanizantes. Saviani contribuiu com uma crítica incisiva sobre a mercantilização da educação e a perda de autonomia dos educadores, aspectos que estão diretamente ligados às denúncias de sobrecarga e falta de suporte institucional. Kuenzer, por sua vez, abordou a relação entre trabalho docente e saúde, sublinhando a importância de condições de trabalho dignas para a manutenção da saúde física e mental dos professores.

Em síntese, o capítulo revelou um panorama alarmante da saúde dos professores, exacerbado pelas condições precárias e pelas crescentes demandas do trabalho docente. As tendências de aumento nas doenças mentais e emocionais, bem como a emergência de novas condições de saúde, são um indicativo claro da deterioração do ambiente de trabalho dos educadores. As relações estabelecidas com as teorias de Marx, Saviani e Kuenzer reforçam a necessidade de uma revisão urgente das políticas e práticas educacionais, com foco na valorização e proteção da saúde dos professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das pesquisas realizadas e das temáticas abordadas sobre o trabalho docente e a saúde do professor nos anos de 2006 a 2023, algumas considerações finais se fazem pertinentes. Primeiramente, é crucial reconhecer a complexidade e a multidimensionalidade dos desafios enfrentados pelos educadores em seu cotidiano profissional. As investigações realizadas revelaram não apenas os fatores de estresse e as condições adversas de trabalho, mas também as implicações desses aspectos na saúde física, mental e emocional dos professores.

O principal objetivo foi identificar e discutir os anúncios e denúncias presentes nas obras examinadas, buscando compreender as condições que afetam a saúde dos docentes e os fatores que as determinam. Este objetivo foi amplamente alcançado, evidenciando tanto as doenças e fatores de saúde percebidos entre os professores quanto as causas estruturais e contextuais que contribuem para esse cenário.

A pesquisa revelou diferenças regionais significativas nas condições de trabalho e saúde dos professores. Estudos realizados em estados como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Tocantins, Santa Catarina, Paraíba e Amazonas destacaram desafios específicos enfrentados por docentes em diferentes contextos geográficos e socioeconômicos. Em particular, os professores em áreas rurais enfrentam recursos limitados e acesso restrito a serviços de saúde, exacerbando ainda mais os problemas de saúde identificados.

Um aspecto crucial das obras examinadas foi a abordagem de políticas públicas relacionadas à saúde dos professores. Muitas das pesquisas ressaltaram a falta de políticas efetivas e integradas que abordem a precarização do trabalho docente e a deterioração da saúde dos professores. A ausência de medidas de suporte institucional, condições de trabalho adequadas e salários justos foram destacadas como fatores críticos que contribuem para o adoecimento dos docentes. A necessidade de ações coordenadas entre diferentes ministérios e órgãos governamentais foi enfatizada como uma estratégia essencial para enfrentar esses desafios.

Para a superação do adoecimento docente, este trabalho sugere várias medidas. Em primeiro lugar, é fundamental a implementação de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho, incluindo a redução da carga horária

excessiva e a melhoria das infraestruturas escolares. A valorização do professor através de salários adequados e benefícios de saúde também é essencial para promover o bem-estar dos docentes. Além disso, é necessário um enfoque maior na saúde mental dos professores, proporcionando acesso a serviços de apoio psicológico e programas de bem-estar.

Outro aspecto importante é a promoção de uma cultura de valorização e respeito ao trabalho docente. Isso inclui a criação de ambientes de trabalho mais colaborativos e menos competitivos, onde os professores se sintam apoiados por seus colegas e superiores. A redução da burocratização e a flexibilização das metas de produtividade também são medidas importantes para aliviar o estresse e a pressão sobre os docentes.

Os anúncios de doenças e problemas de saúde entre os professores são variados e graves. A Síndrome de Burnout, caracterizada por exaustão mental e emocional, é uma condição amplamente reportada. Além disso, os professores enfrentam laringite, faringite, alergias, cefaleia, transtornos mentais, estresse, depressão, ansiedade e uma série de outras doenças ocupacionais e mentais. A fadiga emocional e física, as dores nas costas, o prejuízo vocal e os problemas cardiovasculares são sintomas que refletem um ambiente de trabalho extremamente desgastante e prejudicial.

As denúncias apontam para várias causas subjacentes a esses problemas de saúde. A carga horária excessiva, os salários inadequados, as condições precárias de trabalho e a falta de políticas institucionais são fatores que contribuem significativamente para o estresse e o adoecimento dos professores. A burocratização do trabalho, os conflitos de papéis, as exigências acadêmicas e a invasão do espaço privado são elementos críticos que agravam a situação. Além disso, a privação do convívio familiar e das horas de lazer, as mudanças nas universidades e as responsabilidades excessivas são fatores que exacerbam o desgaste físico e emocional dos docentes.

Outro aspecto crucial é a precariedade das condições de trabalho, a violência nas escolas, a indisciplina dos alunos e a falta de apoio social. A baixa remuneração, a alta demanda de trabalho, a carga horária extensa e a precarização no cotidiano escolar são problemas recorrentes que afetam profundamente a saúde dos professores. A falta de amparo e investimento, os sentimentos de menos valia e

instabilidade, a violência sofrida nas escolas, as más relações interpessoais e os processos burocráticos completam o quadro de denúncias revelado pelas pesquisas.

É fundamental reconhecer a interdependência entre a saúde dos professores e a qualidade da educação oferecida aos alunos. Professores saudáveis e motivados são essenciais para o sucesso dos estudantes, pois desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, investir na saúde e no bem-estar dos professores não é apenas uma questão de justiça e respeito aos direitos trabalhistas, mas também uma estratégia fundamental para garantir a excelência educacional e o desenvolvimento integral dos alunos.

Em última análise, este trabalho destaca a importância de continuar a pesquisa e o debate sobre o trabalho docente e a saúde do professor, a fim de identificar novas estratégias e soluções para os desafios enfrentados pelos educadores. Somente através de um esforço conjunto de todos os envolvidos na educação será possível criar ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis, que promovam o bem-estar e o sucesso de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Thaís Brito; CRUZ, Erislene Rayanne Moreira; ALMEIDA, Luana Mara Pinheiro; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos. Fatores de risco do trabalho docente associados a impactos na saúde mental do professor. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, n. 7, 2020.

ANDRADE, Luiza Vitória Vital de. **Trabalho docente e saúde ocupacional na Universidade Federal de Uberlândia**. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

ANDRADE, Patrícia Santos de; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e Dor na Docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. **Saúde e Sociedade**. v. 21, n. 1, p.129-140, 2012.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; ABREU, Mery Natali Silva. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00169517, 2019.

BATISTA, Eraldo Leme; ANDRADE, Cristiane Batista. No centro do debate: a saúde e o trabalho de professores. **Proceedings of the 2nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca**, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **ALFA: Revista de Linguística**, 2003.

BORGES, Livia de Oliveira et al. Working conditions and mental health in a Brazilian university. **International journal of environmental research and public health**, v. 20, n. 2, p. 1536, 2023.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1503-1523, 2007.

CANTOS, Geny Aparecida; SILVA, Maurício Roberto; NUNES, Sônia Regina Lauz. Estresse e seu Reflexo na Saúde do Professor. **Saúde ver.**, v. 7, n. 15, p. 15-20, 2005.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 35, n. 3, p. 447-457, 2017.

CARNEIRO, Priscilla Oliveira. **TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR E SAÚDE DE PROFESSORES: estado do conhecimento em teses e dissertações da UFMG**. 2014. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2014.

CLOCK, Lizie Mendes; PEREIRA, Ana Lúcia; LUCAS, Lucken Bueno; MENDES, Thamiris Christine. Profissão docente no século XXI: concepções do professor sobre seu papel na sociedade contemporânea. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 23, n. 1, p. 77-96, 2018.

CORTEZ, Pedro Afonso; SOUZA, Marcus Vinícius Rodrigues de; AMARAL, Laura Oliveira; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 25, p. 113-122, 2017.

DA LUZ, Ricardo Santos; BAVARESCO, Agemir. Trabalho alienado em Marx e novas configurações do trabalho. Princípios: **Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 17, n. 27, p. 137-165, 2010.

DELCOR, Núria Serre *et al.* Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. V. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.

DUARTE, Newton. A educação escolar e a teoria das esferas de objetivação do gênero humano. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 11, n. 19, p. 67-80, 1993.

ESTEVE, J. M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: **Edusc**, 1999.

FORATTINI, Cristina Damm; LUCENA, Carlos Alberto. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, v. 1, n. 2, p. 32-47, 2015.

GOMES, Luciana; BRITO, Jussara. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 49-62, 2006.

GOMEZ, Milânia; KLAUTAU, Perla. Burnout in education: Precarization and its repercussions on the health of public school teachers. **Psicologia Clínica**, v. 33, n. 3, p. 429-447, 2021.

GUARANY, Alzira Mitz Bernardes. Trabalho docente, carreira doente: a privatização, a lógica produtivista e a mercantilização na e da educação e seus efeitos sobre os docentes. **Educação Por Escrito**, v. 3, n. 1, 2012.

JILOU, Vivian; CECÍLIO, Sálua. Condições de trabalho docente e sofrimento psíquico no ensino superior privado. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 7, n. 2, p. 233-241, 2015.

KUENZER, Acacia Zeneida. Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 331-354, 2017.

KUENZER, Acácia Zeneida. A precarização do trabalho docente: o ajuste normativo encerrando o ciclo. In: Magalhães, Jonas; Affonso, Cláudia; Fernandes, Claudio; Frigotto, Gaudêncio; Moreira, Valéria; Nepomuceno, Vera. (Org.). **Trabalho docente sob fogo cruzado**. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas, 2021, v. 1, p. 235-250.

KUENZER, Acácia Zeneida. A precarização do trabalho docente. In: Melek, Marcelo Ivan; Fortunato, Sarita Aparecida Oliveira. (Org.). **A educação no Brasil e no Mundo: prioridades e desafios**. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 149-160.

LANDINI, Sonia R. Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor. In: **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207. 2007. p. 08-21.

LÁZARO, Creuza Maria Costa. **TEACHING WORK / HEALTH PERCEIVED BY THE TEACHERS FROM THE LEARNING CENTERS OF SPECIAL EDUCATION IN MARANHÃO**. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

LEAL, Carmen Luyara Canabarro; CARDOSO, Eduardo Schiavone. CONTRIBUIÇÕES À ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO ENSINO BÁSICO PÚBLICO DE SANTA MARIA/RS. **Formação (Online)**, v. 1, n. 22, 2015.

LÉDA, Denise Bessa. **Trabalho docente no ensino superior: análise das condições de saúde e de trabalho em instituições privadas do Estado do**

Maranhão. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LEITE, Délia Ribeiro *et al.* TRABALHO DOCENTE EM FOCO: RELAÇÃO ENTRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O ADOECIMENTO DOS PROFESSORES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Trabalho & Educação**, v. 17, n. 3, p. 71-83, 2008.

LEMOS, Denise Vieira da Silva. Precarização do trabalho docente nas Federais e os impactos na saúde: o professor no seu limite. **Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 95-109, 2014.

LIM, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; DE OLIVEIRA LIMA-FILHO, Dario. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009.

LUZ, Jaqueline Galleazzi da *et al.* Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática. **Ciencia & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 4621-4632, 2019.

LYRA, Gabriela Franco Dias *et al.* Sofrimento psíquico e trabalho docente – implicações na detecção de problemas de comportamento em alunos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 724-744, 2013.

MACHADO, Andrea Beatriz; ANDRADE, Marcus Paulo Araujo Macieira de; GURGEL, Jonas Lírio. Análise da qualidade de vida de professores de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 45, p. e20230019, 2023.

MARCHETTI, Júlia Rossetto; BUSNELLO, Grasielle Fátia; KOLHS, Marta. Agravos à saúde do professor relacionados ao trabalho: revisão de literatura. **Uningá Review**, v. 25, n. 3, 2016.

MARTINS, Elita Betânia de Andrade; SCHMITT, Juliana Campos; ALVES, Alessandra Maia Lima. Saúde docente: o possível impacto das condições de trabalho no ensino remoto emergencial. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 2, p. 508-533, 2021.

MARX, Karl; ENGELS, F. Crítica da educação e do ensino. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa: **Moraes Editores**, 1978

MARX, Karl; ALVES, Maria Helena Barreiro. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: **Martins Fontes**, 1983.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro segundo: o processo da circulação do capital: volume III. **Editora Record**, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Introdução)**. Versão e-book, 2007.

MARX, Karl, 1818-1883. **O capital** / Karl Marx / traduções e condensação de Gabriel Deville. 3 ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

MENDES, Maria Luiza Maciel. A precarização do trabalho docente e seus efeitos na saúde dos professores da rede municipal de ensino do Recife. **REVISTA HUM@NAE**, v. 9, n. 1, 2015.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: **Boitempo**, 2006.

MOREIRA, Daniela Zanoni; RODRIGUES, Maria Beatriz. Saúde mental e trabalho docente. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 23, n. 3, p. 236-247, 2018.

MOTA, Rosália Monteiro. **Trabalho docente e saúde: estudo de caso realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, João Ferreira; LIBÂNEO, José Carlos; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. **Cortez Editora**, 2017.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 609-619, 2017.

OLIVEIRA, Lourival José de; PIRES, Ana Paula Vicente. Da precarização do trabalho docente no Brasil e o processo de reestruturação produtiva. **Revista do direito público**, v. 9, n. 1, p. 73-100, 2014.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira. **Trabalho e saúde do professor nas pesquisas em educação**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

PEREIRA, Antoniolgo Barreto. **Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os malestares no magistério**. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PEREIRA, Érico Felden *et al.* Associação entre o perfil de ambiente e condições de trabalho com a percepção de saúde e qualidade de vida em professores de educação básica. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 22, p. 113-119, 2014.

PEREIRA, José Antonio. **Sofrimento mental relacionado ao trabalho docente**. Franca: SP, 2012.

PEREIRA, José Antonio. **Trabalho docente e sofrimento mental: um estudo em uma escola pública do Estado de São Paulo**. 2015. 150 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2015.

SALVAGIONI, Denise AJ et al. Burnout and long-term sickness absence from the teaching function: A cohort study. **Safety and Health at Work**, v. 13, n. 2, p. 201-206, 2022.

SANCHEZ, Hugo Machado; SANCHEZ Eliane Gouveia de Moraes; BARBOSA, Maria Alves; GUIMARÃES, Ednaldo Carvalho; PORTO, Celmo Celeno. Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 4111-4123, 2019.

SAVIANI, Dermeval *et al.* O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: **Vozes**, p. 151-168, 1994.

SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas. **Autores Associados**, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 152-165, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Debate sobre as relações entre educação, formação humana e ontologia a partir do método dialético. p. 185-209, 2013.

SAVIANI, Dermeval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica na educação do campo. Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: histórias, desafios e perspectivas atuais. São Carlos: **Pedro & João Editores e Navegando**, p. 16-43, 2016.

SECO, Graça Maria dos Santos Batista. A satisfação na actividade docente. 2000.

SILVA, Regisnei Aparecido Oliveira; GUILLO, Lídia Andreu. Trabalho docente e saúde: um estudo com professores da educação básica do sudoeste goiano. 2015.

SILVA, Daniela Almeida de Jesus; SOUZA, Katia Reis de; SANTOS, Gideon Borges dos. Trabalho e saúde de professoras e monitoras de creche pública no município de Vitória da Conquista, BA, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019.

SILVA, Maria Emília Pereira da. Burnout: por que sofrem os professores?. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 89-98, 2006.

SILVA, Regisnei Aparecido Oliveira; GUILLO, Lídia Andreu. Trabalho docente e saúde: um estudo com professores da educação básica do sudoeste goiano. **Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Educação**, v. 11, n. 2, 2015.

SINISCALCO, Maria Teresa. Perfil estatístico da profissão docente. **Moderna**, 2003.

SOUZA, Indiara Rodrigues; SANTOS, Maria Evany Rodrigues dos; ALMEIDA, Ilda Neta Silva de. Mal-estar docente: a saúde do professor e seus desafios nos dias atuais. **Humanidades & Inovação**, v. 3, n. 2, 2016a.

SOUZA, S. *et al.* Síndrome de burnout e valores humanos em professores da rede pública estadual da cidade de João Pessoa: Um estudo correlacional. **International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences**, v. 7, n. 1, p. 241-263. 2016b.

SOUZA, Maria Antônia de; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; FONTANA, Maria Iolanda. Educação em tempos de pandemia: narrativas de professoras(es) de escolas públicas rurais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1614-1631, 2020.

SOUZA, Maria Antônia de. Pesquisa educacional sobre MST e Educação do Campo no Brasil. **Educação em Revista**, v. 36, p. e208881, 2020.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 38e, p. 93-113, 2010.

TUNDIS, Amanda Gabriella Oliveira; MONTEIRO, Janine Kieling. Ensino superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. **Psicologia da Educação**, n. 46, p. 1-10, 2018.

VECHIA, Ariclê; Ferreira, António Gomes. Brazilian Higher Education in the 1960s and 1970s of the 20th Century: International Agreements and the Reform of the Brazilian University. **Encounters in Theory and History of Education**, v. 21, p. 134-155, 2020.

VILELA, Elena Fátima; GARCIA, Fernando Coutinho; VIEIRA, Adriane. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 19, p. 517-540, 2013.

YAMADA, Marcia Akemi; SALERNO, Soraia Kfourir. Educação Superior: a Precarização do Trabalho Docente. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 16, n. 3, p. 208-216, 2015.